

Eleon

e a busca
da verdade



Copyright © 2015

Livro em versão pdf de autoria de Alexandre Olsemann.

Este e-book está licenciado apenas para entretenimento. Não o utilize para fins comerciais. Obrigado por respeitar o trabalho autoral.

Você pode comprar a versão digital e ilustrada deste livro na página da Livraria Saraiva: <http://www.saraiva.com.br/eleon-e-a-busca-da-verdade-9258899.html>

E pode ler no seu Kindle, obtendo o arquivo na livraria da Amazon.

Acesse: https://www.amazon.com.br/Eleon-e-busca-da-verdade-ebook/dp/B014VR30SQ/ref=sr_1_1?ie=UTF8&qid=1493211526&sr=8-1&keywords=eleon+e+a+busca+da+verdade

Nosso endereço no Face é:

<https://www.facebook.com/eleoneabuscadaverdade/>

Deixe seu comentário e suas impressões em nossa página.

SUMÁRIO

Um mundo novo – capítulo um – p. 3
O ensaio para a festa – capítulo dois – p. 9
Adaptação de escravo – capítulo três – p. 13
Exposição de Excentricidades – capítulo quatro – p. 21
Segredos – capítulo cinco – p. 27
Paralisação na Reunião Anual dos Puros – capítulo seis – p. 32
O predestinado – capítulo sétimo – p. 39
Início de escravo – capítulo oitavo – p. 46
Bola de neve – capítulo nono – p. 52
Ajustando – capítulo décimo – p. 56
Mensagens – capítulo décimo primeiro – p. 58
O futuro – capítulo décimo segundo – p. 64
Intervenção – capítulo décimo terceiro – p. 72
Base – capítulo décimo quarto – p. 84
Epílogo – p. 94
Dedicatória – p. 95
Sobre o autor – p. 96
Sobre a obra – p. 97

Um mundo novo – capítulo um

Havia passado o horário de Eleon dormir e sua avó estava impaciente. Queria que o menino fosse de uma vez para a cama. Certamente, seria uma noite inusitada para ambos.

– Eleooooonnn, venha! Está na hora!

Ela franziu o cenho. Ivete de Andrada era uma senhora muito paciente, e às vezes se desgastava por isso. Com as pernas doídas, encaminhou-se em direção ao quarto:

– Bom, não falo mais... – reclamou. – eu ia contar uma história.

Já não havia ninguém fora da Casa de Andrada. O toque de recolher ressoara a pouco por todo o *Jardim da Esperança*¹. Cabelos grisalhos e óculos redondos de lentes grossas emolduravam o rosto de vovó Ivete; mas o semblante mostrava que não era hora para brincar; o final de sua energia serviria para contar a história. Era importante para ela.

Os ventos anunciavam tempestade fazendo vibrar os vidros das janelas. A Casa é uma enorme instituição, num prédio alto, em formato de L, ladeado por árvores altas e robustas.

– Eleon de Andrada! – falou mais forte.

O menino ergueu devagar a tampa do baú e viu a senhorinha ir lentamente se ajeitar na cama.

– Você gosta de estrelas, não é?! – questionou a senhora ao revê-lo.

– Ahaamm!

O pequeno escravo, no final dos seus oito anos, respondeu bloqueando o som com os lábios e logo se juntou a ela.

– Vamos, mas antes?

– Rezar! – completou o menino.

Segurou a mão de Ivete e recitaram duas vezes a reza:

“Próton, Senhor Protetor, criador de Mahae, cuida de nossos corpos, cuida de nós.”

O menino estirou-se na cama e abriu olhos gigantes, ansioso por uma das histórias de que tanto gostava.

– Quer saber como nossa terra foi descoberta? – perguntou Ivete com a voz trêmula.

– Vovó, a senhora disse uma história!

– Também é uma história. Mas esta fala sobre nós. Nosso povo.

– Como?

¹ A Sociedade, para situar o leitor, vai dos campos gerais do Jardim da Esperança, onde vivem e trabalham os escravos, abrange as boas instalações dos clones, na Terra dos Clones, perpassa os nobres sítios da Região dos Puros e Luxem, a bela instância de Loures, até chegar a lugarejos mais distantes, como a montanhosa Terra Alta, os pampas de Antares e a desértica e desabitada Ágata. Não faz parte da Sociedade um lugar denominado de *Zuhr*, para onde foram isolados os animais nativos do planeta Mahae.

– Eu vou começar. Preste atenção! – disse com olhar tenso.

Ivete sabia o quanto ele gostava... Isso acalmaria os dois.

– Eeera ummma veez...

Com o canto dos olhos temerosos a senhora fitava as câmeras no alto da parede do seu quarto no apto. 27. Uma tempestade se fazia fora da Casa.

Ela correria o risco. Decidira finalmente contar. *Alertá-lo*. As câmeras pararam, e Ivete rompeu o silêncio, com a coragem original:

– Era uma vez. – parou por alguns segundos.

– Era uma vez uma jovem muito esperta, que queria ir até as estrelas, ver o Sol mais de perto, a luz maravilhosa do Sol.

Na voz de Ivete, tudo era mais bonito: a singela vida na Casa de Andrada, as brincadeiras, o trabalho escravo. O carinho em suas palavras era evidente, embora Eleon as misturasse aos cenários dos seus sonhos.

– A jovem cientista era natural de um planeta distante, chamado *Têmpora*. Ela explorava o universo. Estudava os buracos negros.

Um belo dia, a pesquisadora, por um descuido, aventurou-se pelo limite do buraco negro e, *de repente*, foi sugada por ele. Desapareceu.

Jovens astrônomos, da Central de Navegação Espacial de *Têmpora*, tentavam contatá-la:

– Central de Navegação chamando veículo 5. Câmbio. Veículo 5, de Nasirá de Andrada.

Somente um ruído retornava.

Na mente da cientista, a tontura da queda começou devagar a desaparecer. As lembranças de como havia chegado àquele lugar pareciam apagadas de sua mente. Tentou sem êxito por vezes ligar a nave. Ela abriu o teto da cabine. Solto desajeitada seus cintos. *Por próton, quanta vegetação! Que lugar é esse*. Estava cercada por um paredão de mata fechada; encontrava-se numa espécie de falha na floresta, uma clareira. Projetou o corpo saindo da nave e retirou o capacete num movimento rápido.

Subiu no corpo da nave e ficou a observar maravilhada aquele cenário verde. *É lindo!* Ela desceu da nave, mas não era fácil se mexer. Seguiu alguns metros; sucumbiu. *O que eu faço agora? Parece que há água corrente aqui perto*, pensou.

– ONDE ESTOU AFINAL!?

O grito alardou um bando de pássaros que sobrevoou a área. Em pouco tempo estava levemente enfastiada pelo calor, mas sutilmente feliz. Fascinada pelo seu entorno, Nasirá não percebeu que seres rondavam aquele espaço. Observou alguns caminhos por ali; trilhas que serpenteavam a mata. Em meio às árvores mais próximas, havia um grupo muito estranho, guardiãs

do paredão verde. Nasirá juraria que viu elas se deslocarem ao menos um metro para o lado, acompanhando a luz solar.

Ela se pôs a caminhar: com uma pequena faca na mão, livrava-se de alguns cipós. Era pesquisadora. Seguiu em frente. Foi quando percebeu uma falha na vegetação. Foi para aquela direção. Onze passadas até chegar a um carreiro que dava para um rio. A jovem de Têmpora perturbou-se ainda mais... *Um rio! Um enorme rio! Incrível!* Ela desceu uma pequena ribanceira e chegou à sua margem; parecia sonhar. Tudo era irreal: aquele lugar, aquela paisagem, aquelas árvores esquivando-se da sombra.

Depois de lavar o rosto e ver o reflexo tremido de seu rosto na água, Nasirá retomou as forças. Voltou à nave com mais destreza. Precisava consertar o rádio, reparar os danos mais superficiais. *Este céu azul, um rio maravilhoso e limpo, pássaros, árvores, coisas que só conhecia nos livros, o que aconteceu comigo? Voltei no tempo!?*

Devorou os mantimentos, depois cochilou no assento da nave. Trinta minutos depois ela pendeu a cabeça e bateu no painel eletrônico e uma voz alta sobressaltada anunciou:

– Atenção todas as naves! Temos uma baixa. O veículo nº 5, de Nasirá de Andrada, está sem comunicação com a Central de Navegação de Têmpora. Todas as áreas navegáveis de Andrômeda já foram varridas. Talvez ela tenha passado dos limites legais. Quem souber de informações a respeito dela, por favor, cumpra o Tratado de Viagem Espacial, Lei nº 8.250, do Código de Viagens Espaciais.

Por um minuto, ela ficou quieta. *Onde estou? Onde estou?* Um *flash* em sua memória. Lembrou-se de estar testando um sinal em direção à *Libélula*, nome de um buraco negro em final de vida, sua recente descoberta. *Fui sugada pelo buraco, depois cuspidas.*

– Central de navegação chamando Nasirá de Andrada! Veículo nº 5, estamos com sinal, pode nos ouvir?! – repetiu.

– Sim, sim. Graças a Próton! Estou perdida.

– Não está machucada?!

– Não, talvez perturbada. É que este lugar... não sei exatamente onde estou.

– Qual é a sua localização?

– Eu não sei. Pareço estar em outro planeta. É como se fosse nosso planeta, mas de milhões de anos atrás. Estou confusa. É como se tivesse voltado no tempo. A minha fuselagem acho que consigo arrumar; mas para alinhar os controles precisarei de ajuda.

– Ok – respondeu o controlador. – Vou tentar o sistema de holografia.

Nisso, a imagem do controlador surgiu a sua frente. A figura era certamente curiosa: óculos escuros bizarros, uma careca reluzente, um pedaço do código de barras, vindo detrás do pescoço, e em seu queixo uma tatuagem da terceira lua de Têmpora no formato do número 8.

– Olá, Nasirá! Nossa, por Próton, que lugar é esse? Aonde você foi parar? E...

– Eu também não sei. Pensei que pudesse me ajudar na localização.

– Todos os satélites e radares estão funcionando em nível ótimo e você não foi rastreada. E como não há registro de sua volta ao nosso planeta, você terá que confirmar alguns dados. Você conhece as regras. Medidas de segurança.

– Eu não vou confirmar nada!!! – disse ela num tom agudo. Ela o encarou. Não está vendo onde estou. Preciso sair daqui urgentemente.

De repente, uma sombra cobriu a nave da pesquisadora, cortando os céus, acompanhada de um grito estridente. O controlador olhou para os lados desesperado, chegou a abaixar a cabeça como se, seja lá o que fosse, pudesse atingi-lo e se desconectou logo depois. A ave tinha uns sete metros de envergadura. Debaixo da sombra que se fez estavam os olhos arregalados de Nasirá. Deixou o corpo escorregar de cima da nave e caiu em meio à mata. Ficou parada por ali. A enorme ave foi para o alto e retornou com velocidade, não tão fantástica quanto o rasante da extinta rohnner – ave de rapina de Têmpora –, mas admiravelmente veloz, e se confrontou com o veículo, ouvindo-se o amassar da lata.

Pousou logo ao lado da nave. Cheirou a mata por ali, com enormes narinas remelentas, inseridas em sua cabeça triangular. Não achando nada, tomou voo e no alto do céu ficou dando voltas e rondando o local.

Nasirá, como se fosse um nativo das matas, numa rapidez admirável, retornou ao rio. Não podia ficar na nave. Só podia observar inerte a noite cair e ouvir temerosa um mar de barulhos, assombrando-a ainda mais.

E foi lá que ela espiou pequenos seres de cabelo vermelho e volumoso percorrerem o local. Pensou que fossem perturbações. Perplexa, torcia para que aquilo tudo de fato fosse uma. Tais seres tinham a cabeça duas vezes maior que a de Nasirá, olhos enormes e longas pestanas vermelhas. Estavam tão concentrados em sua caça que nem a viram por ali.

Usavam vestes primitivas, porém arrumadas e alinhadas. Quando um deles soltou um cordão fino e elástico que carregava, que, pelo estalo, devia ser bem longo, todos correram, com enorme precisão, meticulosamente, em direção à ave que circundava a região. Procurando não olhar diretamente nos olhos deles, a ave tentou atacá-los, dissuadi-los e voar, contudo foi alvejada por pedras atiradas por rústicas armas. Nasirá conseguiu apenas escutar os gritos, as pedras e um grito final, ensurdecedor, agonizante.

Ela se agachou. Tempo depois, pegou no sono e não viu as aves gigantes que rondavam a área, riscando o céu com ar com vingança.

No dia seguinte, assim que acordou, a pesquisadora retornou à nave e passou pelo mato amassado que o tal animal deixou ao cair e por onde fora arrastado. Enquanto o Sol subia entre as nuvens, ela pegou algumas ferramentas e durante horas quebrou a cabeça tentando restaurar o

O ensaio para a festa – capítulo dois

Eleon acordou bem cedo sem ajuda de sua avó, que costumeiramente precisava lhe dar chacoalhões para despertá-lo.

– Bom dia, Eleon! – disse Ivete num tom feliz.

– Bom dia! Vovó, eu quero viajar pelo espaço!

Ivete pensou na história da noite passada. Certamente...

– Não podemos nos atrasar para o último ensaio do teatro! A Exposição está se aproximando.

Eleon, que já estava virando a palma das mãos para cima para iniciar a reza, indagou:

– Por que o nome de uma parte da festa é *Exposição de Excentricidades*?

Ivete ruborizou o rosto e escutou a câmera de vigilância da pequenina cozinha se movimentar e, sem olhar para ela, disse:

– Não se preocupe com isso agora. Concentre-se no papel que terá que interpretar. – Sorriu para ele depois.

Eleon cortava um pão de soja e preparava um jumbo, uma mistura de café, erva roxa e leite, alimentos advindos, com orgulho, das plantações dos campos gerais do Jardim da Esperança, graças a Próton. Vovó se impressionou. Ele era sempre enrolado.

Ivete sem querer encarou uma câmera.

Ao final do lanche, o menino lembrou-se de sua condição: logo iniciaria seus trabalhos nos campos gerais. Considerava-se criança, apesar de a tradição daquele povo dizer o contrário. Dividido: feliz por começar as festas e triste por fazer nove anos e completar seus estudos, fatores que levavam inevitavelmente um escravo ao trabalho.

– Eleon, o que você tem?

Não precisava falar nada. Ivete sabia.

– Você sabe que não há como escapar.

– Acontece que eu não quero... Não acho certo. Estou confuso.

– Eleon, cale-se! Cale-se – bradou. – Nunca repita isso. – Tentou se recompor. – O trabalho é bem leve! Depois de um tempo é que começa.

Ivete irritou-se com a conversa. Eleon não podia falar aquilo. Seria uma falha do sistema. Logo daria problemas.

– Sonhei que nossa cozinha estava cheia de insetos. Estranho, né? – comentou Eleon.

– Foi só um sonho. Um sonho ruim. Está na hora, vamos?

Andaram quase um quilômetro até o ponto do bonde. Predominava perto da Casa de Andrada um terreno levemente acidentado com grandes campos verdes. Tomaram o bonde. O que ligava a Casa de Andrada ao instituto de ensino é curioso: pequeno e com faróis que estalam. Ele partiu, passou pela região dos ventos e seguiu para a instituição de ensino. Duas naves da Guarda de Mahae cruzavam os céus ali perto, fazendo Eleon esticar o pescoço.

– Meu cabelo despenteou com o vento?

– Não. Está ótimo! – respondeu. Iam atracar.

– Cuide-se, Eleon.

Já dentro do instituto de ensino, o menino se direcionou ao pátio que ficava entre as três unidades, edificações grandes, com telhado em formato triangular bem vermelho. O professor Wurls viu Eleon de longe e chamou todos:

– Vamos que o retardatário chegou!

Todos deram risada, menos o professor Wurls, homem curioso, das artes e das letras. Poucos conseguiam pronunciar corretamente seu nome, algo como um sopro de vento. Compõe uma figura engraçada e carismática: com suas sobrancelhas imensas, bochechas vermelhas e 1,56 de altura.

– Muito bem! Gostaria de enfatizar que essa época de festas é o acontecimento mais importante de nossa sociedade. Na Exposição de Excentricidades, vamos expor os traços de nosso povo, então temos que fazer com brilhantismo. Agora, todos devem pôr suas vestes e em cinco minutos estar prontos para o ensaio. – Enquanto os alunos se dispersavam, o professor Wurls acenou para Eleon e perguntou:

– Eleon, tudo bem?

– Sim.

– Percebi você abatido.

– É o início do trabalho escravo. Sabe?

O professor continuou a encarar Eleon esperando que falasse mais, quando

– Professor Wurls – chamou Sarah, que chegou a assobiar ao realizar a pronúncia, o que fez com que ela deixasse escapar uma feição de reprovação.

– Pois não?

– E se eu esquecer a minha fala?

– Não se preocupe, Sarah. Vocês escravos são muito unidos. Contem uns com os outros para treinarem.

Wurls observou os professores das outras unidades se deslocarem perto da porta e tratou de fechá-la. – Desculpem, é surpresa! – Eles deram de ombros. Os alunos ensaiaram cerca de quarenta minutos até o filho da Dona Luam passar mal e vomitar perto da mesa onde estava a pasta do professor Wurls, respingando em suas coisas e fazendo com que ele mexesse as sobrancelhas peludas.

O professor Wurls tratou de finalizar o último ensaio.

– Todos aqui! Todos aqui! Depois de amanhã é a Exposição de Excentricidades, o nosso grande momento. Vamos lembrar as nossas reverências. Ao passarmos pelo camarote do Conselho dos Puros nós... – O professor Wurls ficou esperando a resposta das crianças, mas ninguém se pronunciou.

– Ora, ora – ele riu bufando. – Pessoal! Tudo bem, tudo bem, às vezes vocês se confundem. O Conselho dos Puros é o principal, fica ao lado do Conselho de Luxem. O principal chefe é o...

E responderam em coro:

– IMPERADOR.

– Muito bem! E o imperador Loir de Antares, como vocês sabem, é o maior poder de Mahae, o chefe do governo. Na frente desse camarote, paramos, abaixamos a cabeça e fechamos os olhos. Nossa reverência, certo?

Foi quando ele viu Eleon mexer nas pétalas da fantasia de Sarah, encaixadas na cabeça da menina. As crianças se dispersaram por segundos, e o professor Wurls irritou-se levemente:

– Sr. Eleon de Andrada, posso saber o que está acontecendo? – indagou em tom ríspido.

– Estava brincando... – disse ele, enquanto alguns ainda riam.

– Garanto que não sabe o que eu estava relatando há pouco?

– Por quê?

– Como assim *por quê*? Vocês estavam conversando, logo...

– Por que ele é o imperador?

O professor Wurls surpreendeu-se. Os escravos não questionam por que a Sociedade é o que é.

– A Sociedade precisa de um governo, certo, Eleon? Mais alguma pergunta?

– Não, professor Wurls – concluiu ele pronunciando estranhamente o nome.

As crianças perceberam de repente que os estudos acabaram e um ar de nostalgia preencheu o ambiente.

Eleon logo se afastou num canto, meio isolado, arrumando as suas coisas. *Todos estão tão alegres, tão empolgados? Será que sou tão diferente? Por que não sinto o que outros sentem?*

De repente, suas agonias são deixadas de lado ao ver sua amiga.

– Sarah!

De cabelos encaracolados, pele negra e olhos vivos, Sarah é a melhor amiga de Eleon.

– Oi.

– Viu a tempestade ontem? – perguntou Eleon.

– Só ouvi.

– É, eu também. Ficou com medo?

– Não. Estou com medo é da apresentação.

– Ah, tudo dará certo – Ensaíamos bastante. Será perfeito – completou o menino. Procurando distraí-la, revelou:

– Eu sei de um segredo importante. Vovó me contou.

– Puxa, o que é?

– Quando puder, te conto. É perigoso – avaliou olhando para os lados.

– Ora, agora estou curiosa.

– Fazemos assim: depois da apresentação eu te conto.

– Certo – concordou a menina. Ela pouco se importou na verdade com o segredo de Eleon.

Estava muito tensa para mudar o foco.

Adaptação de escravo – capítulo três

Ivete nem conseguiu se alegrar muito com a disposição que Eleon havia demonstrado no dia anterior. Dormia igual a uma pedra. Vovó o cutucou. Antes de se levantar, se espreguiçou como nunca.

– Vamos, Eleon! Sr. Amir já deve estar chegando. Desse jeito, vai se atrasar para o seu primeiro dia de adaptação.

O menino levantou devagar. Lavou o rosto e limpou a coleira. Correu os olhos no banheiro branco do apartamento onde mora na Casa de Andrada. Não tinha pressa. Não tinha pressa para começar a adaptação para o trabalho escravo.

– Vista esta camisa verde. Ficar bem – afirmou nervosa Ivete.

Tocou a campainha. Além de pai de Sarah, o Sr. Amir era amigo antigo da família e encarregado dos novos escravos. Ele faria um grande esforço. Deveria estar aprontando a Sociedade para a festa, mas estava dedicando-se na ambientação de Eleon.

– Não estou com fome.

– Come pelo menos um pedaço de bolo de confete. Fiz com a receita da dona Marindalva.

Comida de Terra Alta. Delícia.

Eleon não era de se animar facilmente. O Sr. Amir tocava a campainha naquele instante.

– Sr. Amir!

– D^a. Ivete! Como vai a senhora?

– Com a graça do Senhor Protetor, que está sempre comigo.

– Com todos nós, todos nós. E Eleon?

– Ele está – vovó olhou para trás procurando avistar o menino enquanto terminava sua fala –

...

– Pronto – disse o menino aparecendo de repente na porta.

– Oh, Eleon, você já está um homem. Está muito parecido com seu pai.

– Vovó me diz isso também.

– Vamos indo então. Logo devolvo *nosso* escravo, vovó!

– Que Próton esteja com vocês.

Eleon saiu por aquela porta da Casa de Andrada com duas certezas: se tornaria um escravo em atuação e não se conformaria nunca com aquilo.

No primeiro dia de ambientação, o Sr. Amir levaria o menino ao Centro de Segurança.

– O que mais você aprecia nos escravos? – indagou o Sr. Amir ao embarcarem no laranja, bonde com destino à Região dos Puros.

– O que eu mais gosto é são felizes. Eles são, não são, Sr. Amir?

– Ah, sim. A propósito, acho melhor você não me chamar mais de Sr. Amir. É preciso que me chame somente de *senhor*. Os encarregados não são chamados pelo nome. Convenção.

– Tudo bem, senhor!

– Hoje conheceremos o Centro de Segurança. Lá há vigilantes que cuidam de cada canto da Sociedade. Já ouviu falar deles?

– Já.

– De lá eles monitoram tudo. Acredito que conhecem até um pouco da essência de cada um. Você não acha? – perguntou ele.

– Acho que sim, Sr. Amir.

O bonde laranja era tão silencioso que ninguém precisava falar alto para ser ouvido. A força usada para movê-lo é o magnetismo. Ele andava a centímetros dos trilhos, flutuando levemente por aqueles campos que ligavam o Jardim da Esperança à Região dos Puros. *Se pudesse, não estaria aqui*, pensava Eleon.

– Sabe, Eleon, não se incomode com o processo de adaptação. Você ainda teve sorte. Conhecerá o Centro de Segurança – revelou, dando tapinhas nas costas do pequeno escravo. – Tantos outros gostariam de conhecer o Centro de Segurança, mas... para todos não dá!

Eleon não respondeu. Estava mais preocupado em olhar todo aquele cenário ao seu redor, com paisagens verdes sempre constantes, e as edificações com diversos artefatos para coletar água das chuvas, calor do sol, energia dos raios na Região dos Puros. O que contrastava com o ambiente natural era a tecnologia usada pelo Centro de Segurança: câmeras dependuradas em postes em cor de cor prata por todos os lados.

– Quem comanda o Centro de Segurança é Mourin de Mediana. Já viu ele?

– Não – respondeu baixo.

– A sala de Mourin é do lado da *sala de peões*. Lá eles veem tudo que se passa em cada canto de nossas terras. Não é bonito?

Eleon sorriu amarelo.

– Vou conhecer o chefe de segurança? – indagou Eleon.

– Não. É um homem muito ocupado.

– Ainda bem. Dizem que ele é chato à beça.

O Sr. Amir ficou quieto sem comentar.

Eleon nem percebeu que o bonde breiou na Estação Central. Havia ali uma concentração maior de casas e comércio, e mahanianos disputando lugar no calçadão, que dava para a praça de Mahae, para o Congresso e para o Centro de Segurança. Ao descer e se defrontar com o grande movimento que havia ali – devido às festas que se aproximavam –, o menino, apreensivo, chegou a

erguer a mão para agarrar a do Sr. Amir, mas sustentou o posicionamento de quase homem e seguiu desviando como podia de todos. Logo eles chegaram ao Centro de Segurança. Com o primeiro andar suspenso em pilastras e a frente do piso superior repleta de vidros, o Centro trazia um charme especial.

Foram horas andando de um lado para o outro com o Sr. Amir por aqueles corredores tão cinzas, com janelas, janelinhas e janelões que davam para dentro de salas de todos os tipos. Eleon estava exausto.

– Está gostando, Eleon?

– Um pouco.

– É, adaptação de escravo não é fácil. Está vendo aquela sala lá na frente?

– Aham – confirmou meio em dúvida.

– É onde trabalha Mourin de Mediana. É a sala de controle. É a mais importante e...

Foi quando o Sr. Amir parou, pegou algo nas mãos, voltou-se para o menino e disse:

– Recebi um recado do Congresso; precisam de mim lá. Você pode me esperar? Não vai demorar!

– Claro – Eleon respondeu. Aliás, quase agradeceu; estava morrendo de tédio.

– Fique com o meu mensageiro. Sabe lidar com ele?

– Não.

– É assim: quando eu quiser falar com você, eu digito um texto lá do Congresso e ele aparece nesse aparelho, bem nessa tela aqui.

– Parece uma caixinha – deixou escapar infantilmente.

– Se eu entrar em contato com você, um *bip* irá tocar duas vezes. Para você responder, puxe essa alça para o lado – assim, tá vendo? – aqui abre um teclado. É só digitar com essa caneta, que fica encaixada aqui. Não demora muito para responder, certo?

– Certo! – falou empolgado com o novo brinquedo nas mãos.

O Sr. Amir saiu rapidamente. Eleon não tirava os olhos do aparelho. Com ele perambulava pelos corredores do Congresso apertando todos os botões do aparelho. De repente, trombou com alguém que o interpelou com um voz intensa:

– Hei, quem é você?

Eleon olhou para cima. Era um homem bastante alto, cabelos brancos pelos ombros, nariz avantajado.

– Meu nome é *Eleon*. Estou em adaptação.

– Oh, sim, em adaptação. Bons tempos – disse o homem com um olhar perdido.

– Li numa placa “sinais emitidos”. O que é isso? – perguntou Eleon.

– Ah, não sabe ainda? Por Próton! Agora mandam os meninos sem ao menos lhes dizer meia dúzia de palavras. Veja bem: sinais de bloqueio de memórias e de pensamentos impuros lhe diz alguma coisa? Não queremos pensamentos impuros em escravos e clones. É básico.

Eleon ficou sem entender.

– Já ali – disse o homem bastante rouco – é a sala onde recebemos sinais. Assim sabemos se alguém saiu da linha. Entende? – explicou o homem dando uma piscada.

– De que família você é mesmo, menino?

– Como assim? – respondeu Eleon.

– Seu nome inteiro qual é?

– Eleon de Andrada.

– O quê? Eleon de Andrada?

– Sim.

– Por Próton! – O homem mostrou-se apreensivo e pôs a mão no queixo. – Pensei que era a adaptação de um puro. E agora, o que faço com esse garoto? – perguntava a si mesmo como se Eleon não estivesse ali.

– Esse nome eu nunca poderia esquecer. Você é o neto de... da... da Ivete de Andrada.

– Sim.

Bom, faz o seguinte: Pode esquecer isso que lhe falei?

– Acho que sim.

– Pode ou não pode?!

Eleon sentiu-se ameaçado.

– Sim.

– Tudo bem. Vá andando garoto – ordenou num tom cansado.

– E o senhor, como se chama?

– Ah?!

– Como o senhor se chama?

– Loir. Loir de Antares – disse o imperador sem pensar e saiu rapidamente dali.

– Nossa! Vovó não vai acreditar. Falei com o próprio imperador.

Ele ficou em êxtase mais alguns minutos até se entreter de novo com o mensageiro. E somente se desligou daquilo quando se assustou com um garoto moreno dentro de uma sala. Chegou a tocar o nariz no vidro da porta e perceber que era ele refletido na porta de uma sala em penumbra. A porta se abriu. Um felino, que até parecia estar à espreita, aproveitou a brecha para entrar lá dentro.

– Hei! O que você faz aqui!

Ao adentrar na sala, algumas luzes se acenderam automaticamente. Dois monitores no alto da parede, na parte de trás da sala, ligaram-se com o movimento. O felino encantou Eleon talvez devido

à peculiar cor que trazia: era branco no corpo e, nas patas e na cabeça, trazia manchas em tom de cinza-escuro.

– Você está perdido, é? – perguntou Eleon. Ele é quem estava.

– Venha cá, venha! – chamou agachado.

O felino se aproximou, cheirou o garoto e roçou em suas pernas. Mas, tão logo ficou em alerta, se esquivou e correu.

Eleon correu atrás dele. Queria ver onde havia se metido e o percebeu dentro de uma bancada.

– Você quer brincar, é?

O escravinho abriu mais a porta por onde entrou o felino e se enfiou lá também, ao mesmo tempo em que entraram na sala Mourin de Mediana e Kaio e quase flagraram o escravo. Era ninguém menos que o chefe de segurança e seu assistente, sendo que este já dizia de longe para Mourin:

– Veja, é o que eu lhe disse!

Eleon tremeu.

Mourin estatelava seus olhos azuis em uma tela que mostrava um aviso piscando em vermelho: *Problemas em bloqueio de memórias e de pensamentos impuros*. A cena era esta: Mourin, Kaio, Eleon e o felino, que se chama Igo e pertence a Kaio, presos na sala principal do Centro de Segurança, cada qual com suas razões.

– Chamei o senhor porque estamos com esse problema. Pior: essa falha no sistema já ocorreu! Estamos com delay. Foi há dois dias, um pouco antes da tempestade, mas o sistema só apontou isso agora. Parece que é devido à perda de uma antena de transferência – informou, com receio, Kaio.

Mourin estava visivelmente nervoso. Todos da Região dos Puros, e talvez de toda a Sociedade, conhecem bem a fama de Mourin: mal-humorado, grosseiro e violento. Atravessá-lo poderia custar caro. Ele entrou com sua senha e um relatório se abriu.

– Sabe o trabalho que teremos? – O assistente engoliu seco.

Já ali de dentro da bancada saiu sorrateiramente e chispou pela porta o felino Igo. Só restou Eleon, perdido de fato. *O que eu faço? Será que saio daqui? O que direi a eles se me virem? Estava atrás de um felino branco e cinza, senhores! Ah, onde fui me meter!* – Até que um grito de Mourin rompeu seus pensamentos.

– Convoque agora todos os vigilantes!! Encha a sala de peões. Cada um deve monitorar um setor da Sociedade. Intime-os para que venham já para cá! – ordenou Mourin, encarando o assistente que se movia um tanto lento e aquilo o irritou ainda mais.

– Entenda, assistente, você precisa ser rápido e proativo nessas situações de emergência. Quantas vezes eu tenho que dizer que cuidar da segurança de Mahae é a coisa mais importante entre as atividades dos puros.

Kaio percebera, mesmo cabisbaixo, que Mourin rodeava-o.

– Tudo deve ficar exatamente como está: os escravos em suas terrinhas trabalhando, felizes e contentes, e os clones em instalações, estudando aquelas babozeiras. Ninguém reclaaaaama! Ninguém questiiiiioona!

Kaio assustou-se, porém não tanto quanto Eleon.

– E, logo, meu caro, cada canto da Sociedade de Mahae terá seu sistema próprio. De Terra Alta a Antares, todos terão que usar coleiras e *chips* na cabeça! – afirmava de modo frenético.

Gaguejando, Kaio, tentando ser prestativo, antecipou o que lia nas máquinas a sua frente:

– Se... estiverem corretas as informações que recebemos, um sinal de... ehr... vem do Jardim da Esperança, mais especificamente de dentro da Casa de Andrada. O outro vem da Terra dos Clones – perto da fronteira com Zuhr.

– Selecione as casas suspeitas, monte equipes de monitoramento e analise uma por uma, não importa o tempo que isso leve. Quero também o chefe de comunicação aqui, agora.

Mourin estava à beira de um ataque de nervos. Era véspera da Reunião Anual dos Puros, e cada segmento dos ministérios tem que apresentar, isto sim, soluções e bons resultados na Reunião, então ele precisa resolver isso já.

– Eu vou voltar em alguns minutos e, se você não tiver soluções básicas aqui, não respondo por mim – disse o homem ajeitando a barriga.

Mourin consumiu um charuto no terraço do prédio. O chefe de segurança retornou à sala principal do Centro, o assistente mexeu-se para logo resumir o que estava acontecendo, e Eleon tratou de ficar ainda mais estático dentro da bancada.

– Senhor, o que posso afirmar é o que já havíamos entendido de início: há dois níveis críticos de perturbação. Um deles está efetivamente na Casa de Andrada, e outro vem da Terra dos Clones, mais precisamente em um dos pontos de aplicação das vacinas – relatou o rapaz ainda cismado com o chefe. – Na região dos escravos, aparece este apartamento da Casa de Andrada. – O assistente apontava para a tela na qual havia Ivete e Eleon na noite em que ela contara a história. – Já recuperei horas de gravação deste apartamento e separei os pontos mais críticos. Os escravos que moram ali se chamam: Ivete de Andrada e Eleon de Andrada.

É o meu nome! É o nome de vovó! O que querem de nós!

– Abra o áudio agora! – ordenou Mourin. O rapaz o fez rapidamente, enquanto o chefe arregalou aqueles olhos grandes, com globos azuis-escuros, e um ar enlouquecido, preparando-se para abater uma presa. Arrumou seu cabelo castanho-claro, mesclado com alguns brancos, tirando-o da frente dos ouvidos e tornando-se todo atento à fala da senhora.

– Aumente o *zoom*! – ordenou Mourin.

– E r a u m m m... m m m a vez...

– O que aconteceu com essa velha? Perdeu a voz ou o cérebro? Tente focar a *senhora*! – Mourin refinou o veneno:

– Tinha que ser essa família desgraçada.

– Era uma vez uma jovem muito esperta, que queria ir até as estrelas, ver o Sol mais de perto, a luz maravilhosa do Sol. – iniciava levemente Ivete, há dois dias, o conto.

– Feche o áudio. É só uma patética história. Porém, fique de olho nesse menino. Ele é filho de Esra e de Henri, frutos podres.

O rapaz prontamente desligou o aparelho sem questionar.

Na bancada, o medo tomava cada espaço daquele corpo:

– *Por Próton! O que querem de mim e de vovó? Porque somos frutos podres?*

O pequeno escravo estava terrivelmente confuso. Não entendia porque ele e Ivete estavam sendo investigados. Além disso, o tom com que Mourin falou de sua família o perturbava por demais.

Mourin ergueu a testa formando profundas linhas de expressão. Pensou na Terra dos Clones. Pensou nas vacinas. Estava certo que sua filha, Liane de Mediana, se encontrava lá para aplicar vacinas. Ela que já o incomodou tanto. Escorreram em suas costas gotas de suor, que contornavam suas dobras. Resolveu sair, mas, antes, fez a pergunta derradeira ao assistente:

– Você sabe quem aplicava as vacinas nos clones, vigilante?

O assistente sabia de incidentes envolvendo a filha de Mourin, talvez porque fosse vigilante e controlasse inúmeras câmaras que estão espalhadas por boa parte da Sociedade de Mahae.

– É Liane... senhor, erh... é sua filha, senhor!

Mourin queria simplesmente pisar nele. Pensou em socá-lo de raiva quando:

Bip... bip

Mourin e Kaio se encararam. O rapaz juntou entre os dedos o seu mensageiro e viu que não era este que chamava. Olhou para os lados procurando por algo. Um pouco mais de tensão na sala.

Bip... bip

Kaio deu três passos em direção à bancada. Um clima pesado tomou por instantes os ares parados dali. Eleon apavorou-se. Estava certo de que o pegariam. Mas...

– Esqueça! Deve ser o que está na minha pasta. Com certeza, alguém me aporrinhando. – Mesmo assim Kaio olhava para os lados.

O pequeno escravo, na bancada, pegou o mensageiro. Uma tela verde estava acesa. Encarou de perto:

Eleon

Você está gostando de conhecer o Centro? Espero que sim. Peça que se dirija agora ao saguão de entrada. Estou voltando. Aguardo retorno.

Eleon puxou rapidamente a pequena alça e digitou:

Sim. Estou indo.

Ele escutou passos pesados e a porta bater. Mourin não estava mais na sala. Logo depois:

– Igo! Igo! Venha! Ah, felino. Onde você está? – chamava Kaio por seu bicho. Chegou a se dirigir para perto da bancada novamente, mas hesitou e foi procurá-lo nas escadas, onde de costume ele se escondia.

Eleon saiu tão rápido da sala que ninguém viu. Correu para o saguão. Lá, Sr. Amir já estava impaciente.

– Puxa, onde estava?

– Me perdi.

– Vamos, Ivete deve estar preocupada.

– Já é hora dela se acostumar – respondeu Eleon.

– É... realmente, realmente.

Os dois se encaminharam para voltar para a Casa de Andrada. Tomaram o bonde que não demorou nada para chegar.

– Quando começar a trabalhar nos campos gerais, Eleon, alguém pode te pedir para ir a um ou outro órgão da Sociedade de Mahae. Com certeza, o Centro de Segurança será um deles. Agora você já o conhece.

Eleon, porém, não escutou nem aquilo, nem as outras colocações do Sr. Amir. Estava confuso. Preferia assistir à paisagem que passava pela janela do bonde, tentando amenizar os pensamentos que cruzavam em conflito por sua mente, numa espécie de eco.

Exposição de Excentricidades – capítulo quatro

Nada era mais gratificante aos clones e escravos do que participar da Exposição de Excentricidades. Esses povos não podem transitar livremente pelos territórios da Sociedade, somente em época de festa. Torna-se, então, um momento em que um sentimento de liberdade, mesmo que não saibam o que de fato significa.

Ivete precisava acordar Eleon, que, estatelado, não respondia aos chamados habituais. Ao chegar ao quarto, viu Eleon se revirar na cama num pesadelo que o fazia se contorcer.

– Eleeeeeeoouon!! Acorde, Eleoouon!

Assustado, ele acordou gritando: – “Corra, corra!”. Vovó o abraçou.

– Os insetos! Insetos... Invadiram nosso apartamento e me levaram para os jardins da Casa.

– Caaalma! É só um sonho, he, hê. – Eleon afundou a cabeça no travesseiro. Sentiu-se mal. Seu sonho havia sido tão real!

– Venha comer algo! – disse Ivete indo em direção da cozinha. – Hoje temos a Exposição. Estou tão ansiosa!

Originalmente, o evento trazia uma mostra de pequenos animais exóticos capturados da fronteira com Zuhr. Com o tempo, foram incorporadas apresentações de clones e escravos, que traziam um pouco do modo de vida desses povos. Contudo, o nome continuou o mesmo, bastante pejorativo, mas que obviamente nunca fora questionado.

Dona Ivete levou Eleon até o instituto, que com a euforia da festa esquecera-se dos insultos de Mourin. Os alunos iriam com bondes laranjas, enquanto os demais escravos e os clones teriam que atravessar o Rio Branco de barcas.

Os laranjas foram equipados para o evento com pequenos monitores, nos quais era transmitido um pequeno filme, com imagens da Região dos Puros e Luxem, que finalizava com os dizeres: “A Sociedade de Mahae cuida de sua gente”. Num clima leve de descontração, o bonde seguia flutuando em direção à festa.

O professor Wurls, como havia se programado, apresentava a região com orgulho e brilho nos olhos:

– Vejam, crianças, estamos passando pela ponte Sol das Marés.

As crianças ainda estavam meio agitadas e poucos prestaram atenção nele. Um aluno percebeu as barcas que enchiam o Rio Branco, lotadas de escravos e clones que vinham cada qual de suas terras, e indicou para os que estavam próximos. Wurls observou que o trecho estava quase acabando e emendou:

– Pessoal, vejam, adentraremos em instantes na Região dos Puros. Notem que o que realça o cenário a partir daqui são as imensuráveis árvores que se espalham por essas terras.

– Qual é aquela roxa, professor Wurls? – questionou um menino de cabelos rubros.

– Aquelas são as pelufas, que o pessoal chama de *cabeleira*. Elas enfeitam naturalmente a Região dos Puros. É uma coloração exótica, sem dúvida. Já aquelas ali – estão vendo? – são as teltúvias. Elas só existiam antigamente em Luxem, e ninguém esperava que algumas delas fossem migrar para cá. Têm como característica uma raiz realmente larga, que se move para buscar a luz do sol ou água, fazendo elas se mexerem um pouco.

– Olha lá! A árvore está andando! Está andando! – gritou Sarah, e nisso todas as crianças falaram ao mesmo tempo, algumas subiam nos ombros de outras para poderem ver a árvore andante, o que fez a paciência de Wurls ceder.

– Pessoal! – ele falou alto e continuou concorrendo com os alunos. – Os árgamos, no entanto, são plantas rasteiras com galhos espinhosos e flores brancas e foram dispostos paralelamente à Rua Geral de Mahae, para dar essa impressão que vocês podem ver. – A imagem que se formava, para quem parou para ver, mostrava um longo caminho reto, como deveria ser o caminho de todo cidadão mahaniano. O aglomerado de árvores ia acabando ao ponto em que se aproximava a parte residencial da Região dos Puros. Com casas afastadas umas das outras, ainda com várias árvores e grandes bosques, a longa via de paralelepípedo parece levar a um lugar perdido no tempo.

Uma menina miúda, numa voz fraca, apontou:

– Vejam, montanhas!

Dava para ver as pequenas montanhas ao longe que fazem divisa entre Região dos Puros e Terra Alta, como explicou logo em seguida o professor Wurls. Até que, no final, ele soltou algo soturno:

– E lá – apontou ele – é Zuhr.

Os alunos olharam de uma vez para o canto do horizonte, que nem haviam percebido que existia. Era sombrio. Alguns abriram a boca. Outros preferiram não olhar, embora não desse para enxergar muita coisa, apenas uma névoa negra que sinalizava que ali acabava a Sociedade.

– Dizem que a névoa nasceu do mal que existe lá! – disse um menino.

– Falam que lá moram animais assustadores, comedores de gente! – exclamou uma aluna.

– Dizem que lá...

– Já chega! Isso tudo é lenda. O que sabemos é que existem animais irracionais lá. Eles querem, sim, por instinto, invadir a Sociedade, não há como negar para vocês. Mas, o sistema de segurança não deixa que eles entrem aqui. Eu mesmo auxilio na administração da fronteira com Zuhr.

O bonde parou suave na Estação Central. Sobrecarregado com atividades diversas na festa, o professor Wurls levou as crianças até a Rua Geral, onde os pais os aguardavam, acabando o passeio educativo.

– Até a hora da apresentação – disse Wurls cansado.

Por alto-falantes, ouvia-se uma gravação com a voz do imperador:

“Está aberta a Grande Festa da Sociedade de Mahae, um descomunal evento que une todos os povos de Mahae. Conta ainda com a tão esperada Exposição de Excentricidades. Aproveitem! Que Próton abençoe a todos”.

E, em instantes, a movimentação pela Rua Geral era enorme. Ninguém acreditava que o tempo havia firmado para o evento, e no céu entreaberto era possível ver o Sol das Marés. Visitar algumas barracas por toda a extensão da via com iguarias dos povos da Sociedade podia ser em princípio uma boa pedida. Era isso que o Sr. Amir fazia na barraca de D^a Luz: provando a cuia quente, coisa dos povos de Antares. Ele tentava entreter Sarah, sua filha, que estava um pouco nervosa com a apresentação de teatro. Ela repetia sem parar as duas frases, não muito longas, que compunham sua fala.

– E assim eu, uma planta naturalmente cuidada, cresço. Levo ao povo de Mahae, principalmente aos puros, os alimentos de que precisam. – repetia a menina. O Sr. Amir já havia decorado o texto.

Perto dali, Ivete se encantava com as barraquinhas e Eleon, com o cenário: bandeirinhas coladas em fios, correndo de fora a fora a rua mais famosa da Sociedade, postos a pressa logo pela manhã. Eles logo pararam numa barraca, na qual havia músicos que terminavam uma apresentação com uma canção tradicional do povo clone.

– Quer tocar turga, menino? – ofereceu um clone que tinha um lenço na cabeça. O instrumento tinha uma base larga triangular e um cano, com vários furos, que subia até a boca para ser assoprado. O som era suave como um assobio recheado de arpejos.

Eleon agradeceu. Logo depois, visualizou Sarah em meio a um bolo de pessoas que se formou ali. Ela tentava morder um doce de Luxem.

– Isso é duro demais – dizia ela. – Vai quebrar meus dentes.

– Oi, Sarah! – saudou Eleon.

– Oi.

Sr. Amir e Ivete se cumprimentaram com um aperto de mão.

– Isso ainda vai dar em casamento! – Brincou o Sr. Amir com a vovó.

– Hê hê, vai sim – confirmou a senhora, procurando se esquivar do sol.

– Onde está nossa turma? – perguntou Eleon.

– Não sei – respondeu Sarah. – Vamos procurar?!

– Vamos. Está quase na hora de nos prepararmos – lembrou ainda espiando as decorações. Os dois seguiram por entre os espaços que se faziam nos vãos entre as pessoas.

Eles passaram pelo camarote do Conselho dos Puros e como de costume fizeram a reverência. No momento estavam ali Loir de Antares, o imperador, Felipe de Antares, seu filho, Laura de Loures e Katrir das Geleiras.

– Encomendei de um grupo de senhoras de Terra Alta um bolo gigante, para brindar o final desta Exposição de Excentricidades. É inovador, não é? – Disse o imperador aos três que se entreolhavam. Ali estavam quase todos os membros do Conselho dos Puros, órgão que tem a incumbência de cuidar de toda a Sociedade. Faltavam apenas Mourin de Mediana e Tom de Luxem.

O clima de alegria e euforia de fato tomava conta da festa. Isso estava sendo registrado por Kaio nos computadores do Centro de Segurança. Será um ponto positivo para Mourin apresentar na Reunião Anual dos Puros. Aliás, Kaio observava Mourin na tela 218, parado ao lado de uma barraca. O vigilante sorriu.

– Ainda te pego Mourin – falou. Depois passou a observar Eleon e Sarah, que seguiam por entre toda aquela gente, procurando a turma da instituição. O vigilante teve que percorrer cerca de oito telas para acompanhar os dois até que perdeu o foco, pois ficou hipnotizado pelos bastidores da Mostra de Pequenos Animais de Zuhr. Uma enorme estrutura havia sido montada na Praça de Mahae, ao lado do Congresso, “para que todos possam ver o que quiser e como quiser” – disse o imperador ao famoso Jornal Natur. Havia palcos montados ao redor da praça para as apresentações de teatro e dança. Entre os palcos, uma tenda estranha, chamada por alguns de *tenda oculta*. Para a Mostra, havia um enorme palco reto e estreito, cruzando boa parte da praça, cujos últimos preparativos faziam-se às pressas.

Ao ser anunciada a Mostra, aquela multidão de mahanianos correu para angariar um bom lugar junto ao palco central. Os pequenos animais de Zuhr desfilariam em carrinhos motorizados presos a trilhos. Quem comandava cada saída de animal era o sobrecarregado professor Wurls, que precisou alongar seu pequeno corpo para alcançar o comando que liberou o primeiro carrinho, o qual trazia uma rede de proteção. No centro do carrinho, encontrava-se um engraçado ser peludo, pelos grossos e longos, pequeno, quadrúpede. Contudo, nos poucos instantes em que o veículo se movimentou, seus pelos de repente começaram a crescer, crescer, crescer, enrijecer, chegando a esconder o bichinho atrás daquilo que mais pareciam espinhos. Um “Oooooooooohhhh!!!” da plateia foi inevitável. Não demorou muito até que – Poohf! – os pelos explodiram e grudaram na rede, fato que fez todos sentirem as narinas arderem com um cheiro deveras desagradável que ele exalou, mas que tirou uma série de aplausos do público. O professor Wurls sentiu-se orgulhoso de sua rede, ficando

ainda mais rubras as suas bochechas, porque não viu que um desses pelos furara a proteção e atingira o copo de suco da doce clone D^a Yld, que olhou seu sapato direito molhado, porém continuou a sorrir, enquanto via todos aplaudirem a abertura.

O segundo carrinho também estava envolto em uma rede, mas dessa vez havia insetos bem engraçados com cabeças giratórias. O professor Wurls aproveitou para catalogar a espécie e atribuiu um nome desconhecido para eles: *abelhas de girassol*, inspiração advinda da leitura de um livro curioso, que ganhara de Tom de Luxem.

Todos estavam em euforia, principalmente as crianças, que se deliciavam com aquela cena. O professor Wurls dava gargalhadas e mexia suas sobancelhas enormes com fios saltados para frente, disformes e espetados. De repente, os bichinhos passaram a emitir um sinal agudo que perturbou um pouco a todos, porém nada sério perto do que estava por vir.

A turma do instituto de ensino, porém, teve de sair um pouco antes. Reuniram-se estrategicamente perto do palco 3, onde havia um espaço destinado para se arrumarem. Quando estavam quase prontos, chegou o professor Wurls, que havia liberado o último pequeno animal.

– Todos se aprontem para a apresentação! – gritou.

Como representaria o Sol das Marés, Eleon queria estar perfeito. Já Sarah continuava tão preocupada com sua fala que esquecera de passar a tinta verde no pescoço como haviam treinado.

Com o final da Mostra e a abertura dos palcos de teatro ao redor da praça, as pessoas rapidamente se dispuseram a assistir às tão esperadas encenações. Perto do palco 3, estavam Ivete e o Sr. Amir, que puderam observar a entrada em cena do Sol das Marés:

– Sou essencial para que nossas plantações sejam perfeitas; sou filho de Próton assim como todos aqui. – Finalizou Eleon sua fala.

Logo depois de Eleon, os outros personagens se apresentaram com empolgação:

– E eu sou a água...

– Eu sou um trabalhador escravo...

– Eu represento os puros da nossa Sociedade – relatou o último personagem antes de Sarah, que fecharia a peça. Suas pernas estavam pesadas como raízes que tentavam caminhar. Eleon a observou trêmula. Os pensamentos dele se confundiram ao fitar de novo toda aquela gente, para onde ele havia evitado olhar novamente. Ela, arrastando-se, chegou ao ponto de sua fala. Abriu sua boca, mas voz alguma saiu dela.

– E assim eu – depois de apreensivos segundos – uma planta naturalmente cuidada, cre... cresço. – Toda a sua face deformou-se de medo e timidez que nem ela sabia que os tinha. A pequena sentiu sua coleira a sufocar.

Eleon assumiu a fala de Sarah e conclui a peça:

– E eu, o Sol das Marés, ilumino o caminho para que esse alimento chegue à Região dos Puros. – Nisso, todos os integrantes se posicionaram na frente do palco, e o público ovacionou os alunos. Sarah nem esperou o término dos aplausos e correu dali. Fecharam-se as cortinas, e escravos de outras classes subiram ao palco, criando uma confusão temporária, impedindo que Eleon alcançasse a *planta*.

Eleon teve que ficar mais um pouco na festa, porque Ivete queria ver a apresentação de máscaras dos clones. Cruzaram a praça e acomodaram-se nas arquibancadas tubulares. Os clones atravessavam aquele pequeno trecho da Rua Geral de Mahae com máscaras especiais confeccionadas para o evento.

– Eles gostam mesmo de máscaras, não é?! – indagou vovó.

– Pois é... – respondeu o menino pensativo.

– É porque seus rostos com certeza são iguais aos de outras pessoas das regiões nobres. Ou porque eles estão com a doença do envelhecimento. Aí eles tentam se esconder, ou querem ser outra pessoa, sei lá... hê, hê – refletiu vovó, mas o menino continuou inerte; seus pensamentos voavam por algum mundo perdido. Ela olhou de relance para ele, que estava cabisbaixo.

– Vamos embora, Eleon. Já está na hora!

Eles tomaram um bonde em direção às barcas. O Jardim da Esperança os espera como todo ano depois da Exposição. Já era final de tarde e, em meio ao Rio Branco, Eleon resolvera olhar o Sol das Marés, bem no cantinho do horizonte. Por um instante, o Sol se escondeu atrás de um bloco de nuvem que, para ele, parecia uma nuvem de insetos.

Segredos – capítulo cinco

– *Agradeço a participação de vocês na Grande Festa da Sociedade de Mahae e agora convido a todos a comerem um pedaço de bolo na tenda nº 5* – anunciavam as caixas de alto-falante numa gravação com a voz do imperador. Todos se sentiram meio ignorantes por não saber onde estava o bolo. De repente, caíram os mantos que, dependurados em forma oval, cobriam a tenda oculta, de onde surgiu um bolo gigante, rodeado por vários colaboradores. As pessoas se viram eufóricas, perdidas. Não sabiam se pediam, se andavam, se se emocionavam. Tom de Luxem, o chefe das tecnologias e ciências, por exemplo, pediu quatro pedaços, porém se desencontrou de seus parentes e teve de comê-los, sentindo-se, depois, indigesto.

Ao momento que alguns colaboradores conseguiram formar as primeiras filas, dando um pouco de ordem àquele feito, alguns sentiram estremecer levemente o chão, balançando a estrutura da tenda nº 5, fazendo com que se encarassem.

– Nooossa – soltou Katrir, que fora da tenda observava o final da Exposição.

Foi quando todos seguraram suas cabeças, com as mãos coladas nos ouvidos, porque um grito, um grito realmente ensurdecador preenchia o local. Alguns se encurvaram de uma vez, outros tremiam, outros largaram o que tinham nas mãos. Estridente, agudo, alto, perturbante, o grito invadia a Sociedade, dando alarde a uma confusão que se fez rapidamente. Alguns se empurraram e trombaram no bolo gigante. Outros, aos berros, corriam para o Congresso, mas a porta de encontrava-se fechada. O som perturbante fez esgotar o povo que se concentrava ali, expulsando-o, empurrando-o como se tivesse força.

Todos correram como podiam, tropeçando, caindo; alguns tentaram ajudar as crianças, outros preferiram se ajudar.

Um homem e uma moça destoavam dos demais. Era como se o grito não os afetasse. Por entre os cotovelos que se sobrepunham no raio de visão dos rostos os dois lançavam olhar tentando reconhecer alguém.

– Onde ela está? – indagou a moça.

– Deveria estar aqui! – ele respondeu. – Deveria estar aqui! – repetiu. – Vamos, não temos mais tempo! – Ninguém viu quando os dois desapareceram.

Quem pôde correr fugiu dali percorrendo quilômetros pela Rua Geral de Mahae até onde a força do atentado já diminuía. Surgiram alguns feridos, pisoteados. Havia também aqueles que assentaram seus calçados nos espinhentos árgamos. Nunca antes fora ouvido tal barulho. Rapidamente a Guarda de Mahae, com o auxílio das câmeras, uniu os parentes, amigos e crianças que

se perderam na fuga. Deu-se o toque de retirada antes do horário previsto. A névoa negra que cobria a região de Zuhr ficou mais escura e densa do que nunca. O professor Wurls, exausto que estava, ficou olhando para lá por minutos, meio que em choque.

Demorou até que se instalasse um pouco de ordem e as pessoas fossem encaminhadas para as suas terras. Horas se passaram e já as últimas badaladas daquele dia chegaram. O imperador ordenou que o Centro de Segurança encontrasse os conselheiros, “pois a Reunião Anual dos Puros não está cancelada”, como dissera à secretaria oficial. O assistente de vigilância, Kaio, que pôde dar algumas risadas ao ver Mourin correndo naquela confusão, fez o que lhe foi solicitado.

Na Casa de Andrada, no silêncio costumeiro da instituição, um vulto passou por três extensos corredores até o apartamento nº 881, em passos tão discretos que não foram vislumbrados por ninguém na Ala Sul da Casa. A porta se abriu com suavidade, num pequeno ruído. O pequeno vulto aproximou-se da cama de Sarah e cutucou a cabeça da menina delicadamente. Ela arregalou os olhos e viu o fantasma com o indicador na boca – Xiiiiiiiiiii! – pedia silêncio. Ele fez um sinal, chamando-a a sair. Os dois seguiram até a porta da saída de emergência que dá acesso aos jardins da Casa. Sorridentes e travessos, os dois se deslocaram até lá, onde se sentaram no chão e riram.

– Você enlouqueceu foi?! – questionou Sarah.

– Não. Só queria te alegrar – revelou Eleon corando a face. – E me fazer esquecer de falas ruins que escutei no Centro de Segurança.

– Ouviu do meu pai?

– Não.

Deitaram-se no chão, e o céu à frente deles estava aberto.

– Tá vendo aquela estrela ali? – apontou ele. – Eu dou o nome de Ivete a ela.

– Sério?

– Sério. Eu olho para elas e dou um nome. Para aquelas duas ali, aquelas ali!, tá vendo?, eu dou o nome de *olhos de Zuhr*, porque sempre há uma névoa na frente delas. – Os dois riram.

Eles ficaram de repente em silêncio, somente contemplando o céu. Eleon apontou novamente as estrelas ao dizer:

– Sabe, Sarah, eu quero ir até as estrelas.

– O quê?!

– É... eu quero ir até as estrelas.

Ele pôs as mãos atrás da cabeça e concluiu:

– Esse é meu sonho.

– Sonho besta! Fazer o que nas estrelas? Só são estrelas.

– Não. Há mais coisas lá. E qual é o seu sonho?

- Oooooooooooooooooooooooooooooohhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh!!!!*

– O que será isso?

– Descobriram a gente – respondeu Eleon.

– CORRA! – gritou Eleon.

A Guarda de Mahae vinha de toda parte. Os veículos em velocidade avançavam até onde era possível trafegar e algumas naves sobrevoavam os céus, enquanto lançavam luzes nos jardins da Casa de Andrada.

– LÁ! – apontou um guarda.

Sarah tremia bastante. Com uma fala que misturava choro, revelou:

29

Eleon coçou a cabeça nervoso. Ele pôs a mão no ombro dela e tentou animá-la:

– Vamos escapar dessa. Venha, rápido! Ficar aqui é pedir para sermos pegos.

A menina foi correr e tropeçou.

– Sarah?! – assustou-se Eleon. – Eu te ajudo a se levantar.

– Ahhh! – berrou a menina. – São cães! Você está ouvindo? Eu tenho pavor de cães.

Puseram-se a correr novamente. Os latidos eram estridentes.

– Venha, Eleon. Siga-me – disse Sarah.

– O que está fazendo?

– Temos que ir por aqui – orientou a menina esbarrando em tudo o que havia por ali. Estava escuro demais.

Os dois corriam atabalhoados como se algo de divino fosse tirá-los daquela situação.

– Aqui! – indicou a menina.

Era uma pequena construção de madeira, na qual se fazia um depósito de comida.

– Está trancada – alertou Sarah tentando abrir.

Eleon já estava em cima de um latão forçando uma das janelas.

– Venha, está aberta.

Sarah e Eleon puseram-se para dentro do local. Ficaram quietos por instantes. Observaram as prateleiras repletas de comidas e os graneis com sementes.

– Como você sabia daqui?

– Meu pai precisa vir até aqui algumas vezes por semana.

A menina pensou só por um segundo.

– Eleon, o que estamos fazendo? Não podemos nos esconder para sempre! Vamos voltar e ver o que está acontecendo.

– Escute. São guardas. – Os guardas cruzaram o terreno do depósito; os cães rasgavam o silêncio com seus latidos.

– Eles estão indo. Não sabem que estamos aqui.

– Podemos esperar – tentou Eleon.

– Esperar o quê? Saberão logo que somos nós. É só ver a gravação das câmeras.

– É melhor que as coisas se acalmem, sabe?

– Por que você tem que ser diferente?

Eleon abaixou a cabeça. Pegou um punhado de sementes na mão. As prateleiras tremiam. Eram carros da guarda entrando naquelas bandas.

A menina virou o rosto.

– Certo. Vamos voltar – afirmou o garoto.

No caminho, Eleon fitou as estrelas.

– Sei lá. Às vezes, parece que estou fugindo disso tudo.

– Você tem umas atitudes estranhas.

– Acho que os jardins da Casa ficam... – Eleon e Sarah, ao pisarem novamente nos jardins da Casa, foram atingidos por uma luz intensa.

– Parados! Aqui é a Guarda de Mahae – anunciou o megafone. – Terão que vir conosco, agora! – Eram inúmeros guardas em veículos grandes e pequenos, além da guarda a pé, com cachorros da raça arauto querendo escapar das mãos para capturar duas crianças.

Rapidamente, foram apreendidos e levados até a frente da Casa de Andrada, como numa operação militar, e colocados nos veículos elétricos da guarda. Os escravos saíram de seus apartamentos e se aglomeraram defronte à Casa de Andrada. Ivete se viu desesperada quando reconheceu os pequenos sendo levados, e lágrimas escorreram pelo seu rosto.

Paralisação na Reunião Anual dos Puros – capítulo seis

Na Rua Geral de Mahae, no Congresso de Mahae, nº 5, estava para iniciar a Reunião Anual dos Puros, mesmo depois do incidente do grito.

Instantes antes, encontravam-se, na antessala da reunião, aliados do imperador. Prestavam atenção no chefe maior da Sociedade de Mahae, que, naquela hora, tagarelava numa espécie de solilóquio. Falava sobre coisas genéricas que não pudessem comprometer seu humor nem sua saúde, cuidando de vez em quando de observar se seus cabelos grisalhos não estavam desarrumados. O homem de nariz avantajado tentava de toda maneira disfarçar a ansiedade e a apreensão que a Reunião deste ano proporcionara, em vão, pois...

– Como trataremos da falha no sistema de segurança? – perguntou Felipe, seu filho, quebrando o clima artificial de tranquilidade.

O imperador encarou por segundos Felipe antes de se anunciar. Depois, comeu uma fruta redonda e vermelha que descansava sobre a mesa e tornou a olhar para Felipe:

– Vocês precisam me dar soluções. – Todos se mantiveram em silêncio. – É óbvio que sei da rebeldia de Mourin e do ódio que ele tem por mim. O que ainda não sei, meus caros – nisso ele vira o rosto e passa a encarar Laura – é como resolver isso.

Ela, de pronto e sem pensar, desabafou:

– Senhor, quanto à falha no sistema de segurança, sei que falaremos sobre isso na reunião oficial, mas antecipo que, como chefe das estratégias e do desenvolvimento, devemos ir até o local para ajustarmos os satélites e as centrais, pois se...

– Já conversamos sobre isso – interrompe com suavidade Katrir das Geleiras. É perigoso!! – disse ele desafinando a voz. – Somente o estúpido do Mourin conseguiu ir com sucesso até lá.

– Ora, mas se focarmos nossas forças... – esbravejou Laura.

– Devemos resolver isso como cavalheiros... – disse ao mesmo tempo Felipe de Antares, enquanto simultaneamente Katrir ainda gemia algo no último canto direito da mesa.

– CALEM-SE! – gritou o imperador. E nervoso iniciou sua “gagueira”:

– Temos que que que agir com racionalidade. Preciso pensar, pensar. O importante é que as pessoas não vejam que estamos com problemas. Não questionem nada, não descubram nada, nada. Para isso, ainda precisamos muito de Tom e Mourin, apesar de tudo. Vamos ver, acredito que isso terá que esperar um pouco. Não será nesta reunião que se iniciará em instantes que isso será acertado.

– Há ainda mais alguma situação para ser tratada na reunião? – perguntou o imperador.

– Sei que Mourin quer implantar o chip nos povos de Luxem, Terra Alta, Loures e Antares – disse Katrir.

– Ah, sim, as ideias de Mourin.

O imperador se mostrou incomodado por demais.

– Não podemos deixar! – O imperador olhou fixamente o centro da mesa. – Não podemos deixar!

O bip do imperador tocou.

– A reunião vai começar. Vamos!

Olhares fulminantes foram entrando na sala de reuniões. O local tem tom escuro, cortinas sintéticas pretas e o chão em cinza-claro. Nas mesas, em lugar de um tampo, há uma tela, na qual é possível acessar os comandos com o toque dos dedos.

Abre a seção o imperador:

– Como reza a tradição, na data do dia 57 de todo ano, damos início à Reunião Anual dos Puros, com os chefes de cada ministério. Encontram-se nesta solene cerimônia todos os chefes de governo: o imperador, Loir de Antares; Felipe de Antares, chefe das comunicações; Katrir das Geleiras, chefe administrativo; Laura de Loures, chefe das estratégias e do desenvolvimento, Mourin de Mediana, chefe de segurança, e Tom de Luxem, chefe das tecnologias e ciências.

Mexendo em suas cabeleiras, o imperador pediu para que todos se sentassem.

– Quero lembrar que todos devem estar preparados para uma longa discussão, que como sempre não tem hora nem data para terminar. Também quero que larguem preconceitos e incompatibilidades pessoais e ideológicas fora deste Congresso para que isso não interfira em decisões racionais.

Todos ouviram agoniados, não sabendo quem começaria a falar. Mourin de Mediana levantou-se. Solicitou a palavra. O imperador deu um sutil sinal com a mão. O homem tirou um pigarro da garganta dando duas ou três forçadas de ar, buscando preparar a voz.

– Caros membros desta casa, tenho inúmeras questões a levantar, mas primeiro quero falar sobre os sistemas de segurança, pois todos devem estar apreensivos. Quero dizer que eles recomeçaram a funcionar completamente. Quanto ao incidente do grito, ainda é cedo para avaliar o que é isso e por que ocorreu. O importante é que conseguimos mecanismos que interromperam a frequência.

Todos ficaram em silêncio. Alguns bem que pensaram em apimentar o caso, mas ainda era muito cedo. A reunião continuou nervosa, porém ninguém, além de Mourin, pronunciava-se oficialmente, somente buchichos escapando pelos vãos das bocas.

– Bom, vou aproveitar para colocar meu segundo ponto.

Mas, o imperador interrompeu:

– Quero somente alertar que as situações problemáticas sobre o sistema de segurança podem ser discutidas ainda nesta reunião ou em reunião extraordinária, caso a situação se agrave.

Mourin fechou a cara, pôs a mão talvez involuntariamente na barriga e continuou:

– Nas regiões de Loures, Mediana, Antares, Luxem e, pasmem, em parte da Região dos Puros, há indivíduos com a infeliz dúvida: *será que é necessário controlarmos os escravos e os clones?* – relatou ele com ironia.

– É óbvio – continuou o chefe de segurança – que logo perderemos as rédeas da situação. Será que essa é a saída? Esses questionamentos – nisso ele olhou com grandes seus olhos azuis para a bela Laura de Loures – devem cessar ou estaremos fadados a cometer os mesmos erros que os nossos ancestrais temporenses. Por isso, além de um sistema de segurança físico e mental destinado somente aos escravos e aos clones, proponho que essa ação seja estendida a todas as regiões da Sociedade, com exceção de Antares, devido a sua localização longínqua. Mas, pelo menos é necessário que sejam instaladas câmeras na divisa com essas terras.

– Sr. Mourin! – exclamou Katrir das Geleiras, dessarrumando-se na cadeira – não é sua filha que esses tempos esteve em locais suspeitos nas terras dos clones? – perguntou sensivelmente aquele homem de cabelos negros. E não parou ali:

– E agora teve esse novo episódio de vacinação noturna na Terra dos Clones. Eu li o relatório. Você também vai querer aplicar chips na Região dos Puros?

– O relatório é mesmo para ser lido! E todos sabem que, por causa da reação da vacina contra o envelhecimento precoce, que aumenta a temperatura corporal, as aplicações noturnas são mais recomendadas... – justificou Mourin.

Foi quando de repente anunciou Felipe de Antares:

– Entendo que Liane de Mediana, filha de Mourin, não pode ter privilégios nesta Sociedade, assim como nenhum dos membros deste Conselho, nem os seus familiares. Não é a primeira vez que ela se envolve em um caso suspeito. O índice de pensamento impuro na Terra dos Clones era alto, então, uma investigação será fundamental nesse momento. É o que eu proponho.

– Ora, essa não era a pauta discutida – enervou-se Mourin.

– Imperador! – Nisso todos pararam e se voltaram para aquela voz feminina até então estranha àquela Reunião. Era a secretária oficial. Com os óculos no meio do nariz, ela abaixou a cabeça, sua visão não atravessava as lentes, e encarou o imperador. Esse movimento era conhecido pelo imperador, e a secretária oficial não o teria feito se algo não estivesse afligindo seu espírito.

– Cavalheiros! peço que me deem licença, porque é... porque eu vou vou sair... – disse ele repetindo palavras e sem conseguir concluir muito bem a frase.

– É bom que seja importante!!!

– E é... – respondeu ela. – Agora de noite, na Casa de Andrada... – ela detalhou, ali mesmo, cada passo o caso Eleon.

– Onde eles estão agora?

– No Centro de Detenção.

– Por Próton! Não é possível. Isso é grave. Muito grave. Teremos que tomar providências, que não podem esperar. – O imperador se retirou, deixando a secretária sem saber o que fazer.

A secretária entrou na sala de reuniões e declarou:

– O imperador manda anunciar as seguintes palavras – ela pegou um bloco de anotações e leu em voz alta: – “está suspensa a Reunião Anual dos Puros. Peço a todos os integrantes que vão para as suas residências até segunda ordem”.

No Centro de Detenção, os escravos. Ao lado do bosque da juventude, o Centro de Detenção é o que menos combina com a região nobre de Mahae.

Eleon estava agachado no canto da sua sala, abraçando as pernas encolhidas. Qualquer escravo saberia que aquilo não daria certo. Punia-se. Queria que tudo voltasse atrás. Não faria mais mal algum.

Eleon se levantou... olhou aquele ambiente propositalmente superclaro, que fazia reluzir seu pijama azul.

– Saraaaaahhh!!! – gritou às paredes. – Você está aí?

A menina estava assustada. Parecia em choque. As mãos suavam. Abruptamente se levantou. Foi ao lado da grossa parede e escutou a voz bem baixa de Eleon vindo da sala ao lado.

– Saraaaaahhh!!! Saraaaaahhh!!!.

– Quietos menino! Você quer ser punido antes da hora?

Eleon arregalou os olhos. Sorte a deles que nesse momento chegou um senhor de cabelos grisalhos, que ordenou:

– Saia daqui, guarda infeliz!!! – proferiu o imperador em tom extremamente grave e rouco.

O imperador entrou na sala e...

– Você!? – Indagou o velho senhor.

Eleon olhou de rabo de olho. O imperador bufou.

– Ele importunou você?!

– ...

– Sente aqui menino! – disse ele num tom de voz mais calmo apontando para uma cadeira. – Você sabe que está encrencado?

O escravinho mexeu a cabeça para cima e para baixo.

– Eu sei quem é você, garoto. Eleon de Andrada, neto de Ivete de Andrada.

– Sim.

– E você estava na festa à tarde?
– Aham.
– Você e sua avó estavam na praça na hora em que ocorreu o grito?
– Que grito?
– Não soube do grito? Não sabe nada sobre o grito?
– Não.
– Conhece as leis da Sociedade, não é, garoto? Talvez seja a melhor coisa que nós, puros, conseguimos fazer. Sabe quantas leis você infringiu esta noite rapaz? Você sabe?

– Não....
– Vou voltar a lhe fazer mais algumas perguntas, pode ser?
O escravinho ficou quieto. O imperador ligou o computador.
– Você sabe o que aconteceu com seus pais?
– Estão mortos.
– Você sabe como seu pai morreu?
– Um acidente. A nave que ele estava testando explodiu.
– O que mais você sabe? Você deve saber mais alguma coisa?
– Ele era alto. Moreno assim como eu. Olhos castanhos claros. Minha Ivete me diz que ele tinha o meu jeito.

O velho homem se realocou na cadeira, como se estivesse tentando ajeitar aquela coluna já meio torta.

– Lembra-se de mim? Nós nos encontramos no Centro de Segurança.
– Sim, o senhor é o imperador.
– O que eu lhe disse naquele dia?
– Nada. Não me disse nada.
– O que você fazia nos jardins da Casa de Andrada?
Eleon pensou.
– Ajudando minha melhor.
– Como se cura alguém infringindo as regras?
– Ela estava triste porque não lembrou sua fala no teatro. Ela chorou – disse lentamente. – Eu vi. Aí eu a levei ao jardim da Casa para lhe mostrar os nomes que dou às estrelas.
– E ela?
– Ficou melhor.
– Preciso que me diga o que falavam ou pensavam nos jardins que não deveriam falar.
– Dávamos nomes às estrelas? – questionou Eleon esboçando um sorriso.

– Sabe, menino, vou te contar uma coisa, logo irá se espalhar a notícia de que dois escravos estavam nos jardins da Casa de Andrada, sem autorização, infringindo o código de silêncio, infringindo a lei de sono e emitindo sinais de perturbação consideráveis, então, eu preciso sair por essa porta com respostas! Você me entende? Trate de dar uma resposta! – disse irado. – Logo o chefe de segurança vai entrar por esta porta e fazer... fazer coisas horríveis com você. – Eleon precisava de uma resposta. Ele tinha que pensar rapidamente; lembrou que Sarah também estava em apuros. Porém, o que escapou de sua boca foi:

– Como está Sarah?

– Bem. Ela está bem. Agora a resposta!

– Tenho que falar com ela. Só nós dois.

– Você está de brincadeira comigo, menino?! Não entendeu o que eu disse até agora?

– Eu dei minha palavra de que não contaria *isso* a ninguém.

– Isso o quê?

– É um segredo...

– Você está vendo esta tela? Se eu apertar este botão, daqui mesmo entro em contato com Mourin. – o imperador então ativou a pequena câmera do aparelho e esperou conexão com o chefe de segurança...

– NÃO FAÇA ISSO! Eu conto. É tudo minha culpa.

Loir desligou o aparelho bem na hora em que surgiu a imagem de Mourin na tela. “Bem a tempo menino”.

Minutos depois saíram da sala de interrogatório o imperador e o escravo.

– Não haverá mais chance, garoto. Não haverá.

Naquele instante, os dois deram de cara com Mourin, que, balançando o corpo, vinha atrás dos escravos. O brado foi de longe, intimando Loir:

– Imperador! Este é meu suspeito. Preciso interrogá-lo! Por favor, quero que ele retorne à sala de onde saiu – ordenou ele, mesmo diante da autoridade máxima de Mahae. Loir quase cedeu à força da palavra de Mourin. Preciso de alguns segundos para pensar.

– O menino está livre – disse o imperador. – Será levado à Casa de Andrada com sua amiga Sarah. Não cometeram crime.

– Eu sou o chefe de...

– Já chega, Mourin! Guarde suas forças para defender a sua filha. *Eu* libero os escravos. – As paredes pareciam sufocar o chefe de segurança, movendo-se contra ele. Viu-se acuado.

– Imperador, o sr. sabe que deveríamos escanear a mente do garoto! – Ameaçou Mourin. – Essa família! – Reforçou em tom de desprezo.

Era o estopim para os acontecimentos que estavam por vir. Loir sabia disso.

O imperador voltou a si e logo encontrou a secretária que o procurava afoita.

– Imperador! Deveria ter me chamado. O sr. sabe que eu estou à disposição a qualquer momento e a qualquer hora e...

– Por favor, secretária, agora não!.

Ele seguiu até a sala onde estavam as crianças. Abriu a porta. Os dois estavam sentados em suas cadeiras, bem comportados.

– Vocês vão voltar para a Casa de Andrada.

Na divisa com Zuhr, um nelf, um ser nativo no limite da fronteira. Com seus cabelos vermelhos e suas pestanas enormes, ele olha para a Sociedade, mas a Sociedade não olha para ele. Longe da irracionalidade atribuída a eles nas histórias lendárias dos puros, ele prefere não se arriscar a ultrapassar a cerca. Contudo, sabe da vontade de seu povo de retomar aquilo que legitimamente é seu.

O predestinado – capítulo sétimo

Era novo dia na Casa de Andrada. A singela residência era encharcada pelos raios solares que cedo raiavam desde os campos gerais até os lugarejos mais longínquos de Antares. Ele escutou vovó cantarolar no chuveiro.

– Senhor Protetor, obrigado pelo alimento que dá a nós. Senhor Protetor, cuida de nossos corpos, cuida de nós.

Cabisbaixo, o menino já sentia o peso do trabalho escravo. O cheiro do lanche matinal era de infância. Ele se pôs a se alimentar e a pensar que Ivete deveria estar feliz: formara-se no instituto de ensino, fazia nove anos e iniciaria nos campos gerais.

– Ah! Parabéns, hê, hê. Que Próton te abençoe. – Ivete abraçou o menino, que sentado segurou a cintura dela. Era o seu aniversário.

– Esse jumbo vai te levantar!!! – afirmou Ivete dentro do roupão, com o bule quente nas mãos.

Eleon permaneceu sério, apesar de ter tentado sorrir. Comeu dois pães trançados e tomou uma farta xícara da bebida quente. Pensativo. Parado por instantes.

– Sonhei com os insetos de novo, vovó! Eles invadiam este apartamento. Acho que estavam com fome.

– Esqueça isso. Não há de ser nada.

Ele ficou com ar pensativo.

– Às vezes, eu tenho saudades da minha mãe, mesmo não tendo lembranças dela. – Vovó torcia para que ele não insistisse no assunto, mas...

– E quando o meu pai morreu, eu chorei? – indagou Eleon depois de beber um gole da bebida azul.

– Você era muito bebê, Eleon. Devia ter uns dois anos...

– Mas, eu chorei?

– Não... acho que não te contei na hora – disse Ivete enquanto guardava alguns potes no armário.

– Que bom. Quando eu morrer, não quero choradeiras.

– Ah, Eleon! Às vezes você pensa e fala como um adulto.

– Por que a nave dele explodiu?

– Também sinto a falta dele, Eleon.

Eleon deixou escorrer sem querer uma lágrima pelo rosto.

– Sabe, vovó, amanhã eu começo a trabalhar e... eu estou com medo. – desabafou.

– Tenha orgulho disso! O trabalho é tudo na vida de um escravo. Depois de um tempo, você poderá se casar e ganhará do governo um apartamento. Você está dando um passo muito importante.

O menino abaixou a cabeça e começou a brincar como sempre com a comida. *O que fazer quando se é diferente de todos. Como mudar isso! Que o Senhor me perdoe.* Os dois ficaram por instantes em silêncio, até que uma batida na porta quebrou o clima. “Vou ver quem é”, disse Ivete.

– Veja quem está aqui, Eleon! – anunciou vovó.

– Saraaaaaaah!!! – festejou.

– Oi – retribuiu a negra menina de cabelos encaracolados. – Parabéns.

– Obrigado.

– Olá, garoto! Parabéns! Feliz em começar a trabalhar? – questionou o Sr. Amir.

Contudo, ele se calou exaurido com a situação.

– Claro que está! – respondeu Ivete. – Só um pouco ansioso.

– É normal, é normal – ponderou o Sr. Amir, que passou a mão no cabelo do menino. – Já sabem do acontecido em Terra Alta? Todos estão comentando.

– Pois é, eu ia comentar com Eleon. Que coisa, né?

– O que houve? – indagou Eleon.

– Parece que um clone em Terra Alta, conhecido como *homem de bem...* como é o nome dele mesmo, Sr. Amir? – questionou Ivete.

– Raful.

– Isso. Então, dizem que esse tal de Raful anunciou uma profecia: que um clone, um tal de Lucas, é um predestinado.

– Predestinado? – interrogou Eleon.

– Há uma lenda de que viria um predestinado que salvaria os clones e os escravos. A Guarda no começo tentou reprimir, mas aquilo foi passando, e hoje dão pouco atenção a isso.

– Mas, salvar do quê?

– Não sabemos, filha.

– Eles têm a doença do envelhecimento – pontuou Ivete. – Isso virou uma peste lá. Alguns clones, mesmo com a vacina, envelhecem de repente e alguns anos depois morrem. Talvez seja sobre isso – teorizou. Eleon até pensou em dar a sua opinião, mas preferiu chamar Sarah para irem até o pátio da Casa de Andrada.

– Você irá comemorar o aniversário de Eleon? – perguntou o Sr. Amir.

– Vou, sim, à noite. Sarah pode vir?

– Sim, é claro.

O pai de Sarah deu alguns passos pela sala, mostrando-se agoniado.

– Veja bem Ivete, o menino Eleon, não sei bem o que está acontecendo com ele. Primeiro, tirou minha pequena de casa, que depois acabou naquele problema todo. Agora ele não se mostra muito feliz com o ótimo trabalho dos escravos – abençoado por Próton! – além de algumas falas tão...
– Nisso ele viu o olhar de Ivete perdia-se lá pra fora, pra onde Eleon e Sarah.

* * *

Predestinado é o termo mais falado na Terra dos Clones, pois foi lá que Raful, conhecido como *homem de bem*, encheu os pulmões para soltar um de seus últimos prenúncios:

“Temos um predestinado em nosso povo: Lucas, o clone de Felipe de Antares, filho do imperador. Lucas é um predestinado. Essa não é a nossa terra verdadeira! Lucas nos guiará... Eis a profecia: Lucas, o clone de Felipe de Antares, é um predestinado a salvar não só os clones como os escravos. Ele nos levará a nosso verdadeiro lar. Aguardem, pois ele é o predestinado.”

Depois do anúncio, uma confusão se fez na Sociedade. O Centro de Segurança foi tomado de luzes vermelhas e sinais de alerta.

O clone Lucas, cedo, saiu de sua célula em direção ao Bloco Biológicas, onde morava Raful e o bloco mais longínquo da Terra dos Clones, beirando a Zuhr. Ele precisava encontrar o homem que proferiu a profecia. *Logo terei a Guarda de Mahae em meu calço*. Seguiu mais uns metros até o terminal de ônibus. Levou mais de uma hora até lá.

Ele trocou passadas rápidas; sabia que a notícia do predestinado já deveria ter se disseminado por todos os blocos, saindo da boca de Raful e indo em direção ao Jardim da Esperança, à Região dos Puros e a Luxem e não demorará para alcançar os extremos pontos geográficos da Sociedade de Mahae.

Lucas se aproximou do local onde mora o *homem de bem*. Havia um grupo de clones ali parados. Ele se aproximou. Os clones o reconheceram. Sabiam que era ele. Olharam-no com estranheza. Nisso ele apagou.

Quando voltou, teve dificuldade de enquadrar uma visão embaçada. Cruzou alguém num uniforme marrom...

– Acordou? Dormia feito um neném.

– Onde estou? – indagou Lucas.

– No Centro de Detenção. Você está temporariamente sob investigação. Atiramos dardos de sonolência em você. Ordens diretamente do chefe.

– Quem, quem é o chefe?

– Mourin.

Quando ouviu esse nome, Lucas pensou nos projetos que fazia para a Base. Seria uma presa fácil agora.

Os sensores do sistema de segurança reportavam aos seus administradores pensamentos impuros em todos os cantos. Qualquer um identificado pelo governo como possível suspeito havia de comparecer ao Centro de Segurança. Passou por eles Ivete, que, através das lentes grossas dos seus óculos redondos, observara Lucas numa mesa próximo a dela.

Um homem e uma mulher sem os desbotados uniformes marrons cruzaram rapidamente a sala recheada de mesas, pararam ao lado de Ivete e pediram que ela os acompanhasse. Eles se encaminharam até uma sala, cujos vidros dentro dela eram espelhados. A mulher tocou o ouvido como se um sinal recebesse e, depois, cochichou algo para o homem. Eles pediram que ela os esperasse e saíram dali ao mesmo tempo.

Um segundo depois entrou um guarda na sala:

– O que a senhora faz aqui nesta sala? Não tem permissão para estar aqui!

– Vocês me trouxeram para cá. – respondeu Ivete.

– Não – disse o guarda. – Não, mesmo!

Longe dali, subiam o pequeno lance de escadas da entrada do Congresso Mourin e Katrir sem se olhar, enquanto uma nota no mural alertava:

“Caros mahanianos,

É com muito pesar que o imperador avalia os fatos que se sucederam nos últimos dias – grito e o anúncio de um falso predestinado – e solicita que todos se empenhem ao máximo para a resolução dos problemas. O imperador pede que nos reportemos a ele a respeito de qualquer fato novo. Há uma possibilidade de se tomar medidas drásticas de segurança envolvendo *chips* cerebrais, segundo a Lei de Segurança Pública, Lei nº 31.

Esperamos a colaboração de todos para a resolução dos problemas.

Secretária oficial.”

O homem de Mediana, que pretendia falar com o imperador, deu a meia volta e foi até o Centro de Segurança. Sabia que todo esse problema não poderia ocorrer, principalmente porque os sinais haviam estabilizado. Mourin chegou à sala de peões e, abruptamente, abriu a porta de controle dando de cara com o assistente, que guardou rapidamente o pote com comida que iria dar a Igo. O mal-humorado observou aquele simples rapaz, que se escondia como um roedor. Esperou para ver se ele tropeçava em sua frente para que pudesse pisoteá-lo, esmagando seu corpo por entre a sola de suas botinas.

– Quais são as novas, assistente? – disse ele estremecendo os ossos do rapaz.

– Os índices de perturbação agora estão em níveis amenos. Como o senhor sabe, eram dos mais altos de todos os tempos.

– Vamos manter a atenção redobrada. Possivelmente, aqueles que intimamos para comparecerem ao Centro de Detenção devem estar chegando lá. Logo irei pessoalmente acompanhar.

– De repente Mourin transformou seu rosto naquela cara de monstro tão bem interpretada por ele e em tom frenético: “quero interrogar um por um. Terei acesso a qualquer *informação*, entende, assistente?” – Nisso ele puxou sua barriga para cima.

O rapaz, coagido, titubeou e parece até ter sentido a sola do sapato de Mourin explodir as tripas de seu magricelo corpo. Kaio ainda tentou resmungar alguma coisa, justificando-se, mas Mourin estava hipnotizado pela tela nº 9. Não dava trela para a fala arrastada do rapaz. Suava frio. Isso porque a imagem da tela nº 9 trazia um cenário que poderia levar Mourin à loucura. Por um instante, ficou a impressão de que o nevoeiro negro de Zuhr havia invadido a Sociedade. Era um verdadeiro mar negro adentrando a Região dos Puros. A câmera direcionada ao horizonte registrava uma massa negra ultrapassando as fronteiras com Zuhr.

A nuvem não parava de avançar. As pessoas amedrontadas entraram em desespero, debatendo-se nas ruas em movimentos estranhos. Houve quem implorasse para que abrissem as portas de algum estabelecimento para que pudessem se esconder. Kaio demorou para perceber por que Mourin fitava paralisado a tela nº 9 e...

– Então eh, senhor, parece que...

– Cale-se! Dê o máximo de zoom na tela nº 9.

O rapaz o fez.

– Parecem insetos, senhor! – relatava Kaio.

A imagem que ia aumentando revelava insetos invadindo a Região dos Puros. Voavam como malucos, tão próximos uns dos outros que realmente pareciam a névoa negra de Zuhr.

– São malditos insetos. Só me faltava essa! – reclamava Mourin.

Preciso pensar, preciso pensar. O que faço, por Próton, o que faço? Será que peço ajuda para esse corpo que anda? Não. Prefiro pensar com meus botões que com certeza são mais inteligentes do que esse assistente Karlos, Karmo... sei lá o nome desse maldito! – Foi quando de repente Mourin ordenou:

– Vá até a sala de peões, encha-a com vigilantes. Depois, convoque a Guarda de Mahae e monte equipes de dez membros. Solicite roupas anti-gás-tóxico e mande que cada um use uma, sem exceção. Reúna as equipes no saguão do Conselho em meia hora. Ah!, consiga armas pulverizadoras. Vamos, aja!

Ele tinha que pensar rápido. Certo ou errado. Apesar de nervoso, em segundos, conseguiu criar um plano de ação.

Logo, equipes foram organizadas. Saíram às ruas todos aqueles guardas com roupas estranhas, que lhes cobriam todo o corpo, com o cuidado de não entrar no núcleo daqueles levantes de insetos. De perto, dava pra ver que eram nuvens desses seres. Pretos, com duas presas que se cruzam horizontalmente sobre a boca, parecem ser predadores de madeira. Isso foi desvelado quando começaram a se grudar nas bem tratadas madeiras que sustentavam os telhados das casas da Região dos Puros. Quando tomaram posicionamento, os guardas ajudantes receberam a ordem de Mourin:

– Temos que acabar com esses insetos. Exterminá-los. Preparem-se para a contagem regressiva: 5, 4, 3, 2, 1, ATIREM!

O barulho ensurdecedor das armas pulverizadoras “queimando” os pequenos seres de Zuhr mais o zumbido que eles faziam ao tentar se esquivar dos tiros criaram um ambiente de confusão naquele já confuso dia de repercussão sobre a vinda do predestinado. Os disparos matavam os bichos, mas também quebravam parte da armação dos telhados, fazendo com que os estilhaços e o pó se misturassem ao cenário de batalha. As equipes andavam sempre coordenadas por Mourin, que lutava na quarta equipe de apoio.

– Por lá, por lá!!! – gritava ele.

Os guardas atiravam nos insetos que iam caindo como chuva nos corpos dos guerreiros e no chão do solo dos puros. Os guardas corriam desvairados. Os puros, nas janelas das casas, observavam com medo as intempéries daquele dia. Veículos da Guarda de Luxem foram chamados, trazendo reforços, chegando aos poucos à Região dos Puros. Eles tinham que cobrir toda a região, o que de fato não era nada fácil. As equipes foram se dissolvendo e de repente e por vezes um “soldado” tomava seu próprio rumo. Numa dessas escapadas, um guarda entrou no miolo de uma leva de insetos e começou a gritar. Mourin foi solicitar apoio ao indivíduo quando foi atingido por trás na cabeça. Ele caiu no chão como uma árvore bem cortada. As tropas, porém, continuaram, meio desordenadas, a fazer o trabalho de matar os invasores. Depois de um tempo, toda a nuvem negra havia sido abatida, para o bem-estar da Sociedade de Mahae. Dos caídos, somente um vivo: Mourin.

Um dos guardas o encontrou ali, “abandonado à própria sorte”, como diria o imperador. Foi levado às pressas para o Hospital Geral dos Puros.

Enquanto isso, no Centro de Segurança, Kaio preparava o maquinário para o dia seguinte. As roupas que usara na luta frenética contra os insetos ele largou perto da porta da pequena dispensa do prédio. Porém, o bastão que utilizou para acertar Mourin, este sim ele carregara consigo, bem protegido.

– Eu sou alguém! Eu sou aquele que matou o chefe de segurança! – exclamava o rapaz de modo insano, enquanto Igo divertia-se arranhando as peças que o rapaz largara no chão.

* * *

À noite, na Casa de Andrada, Ivete entrou cambaleando em seu apartamento nº 27, exausta que estava. Olhou pelo canto da porta e fitou por um instante Eleon, deitado de barriga para cima, lendo o seu livro preferido: *Contos de luz*. Até que ele se vira para ela surpreso:

– Vovó! Onde esteve?

– Ah, tive que sair. Não pude avisar, desculpe, hê hê.

– Vovó, conta mais um pouco da história dela?

– Outro dia, meu neto. Estou muito cansada. Já preparou as suas coisas para amanhã?

– Já.

Nisso Ivete tirou da dispensa uma caixa redonda, branca, de onde tirou um bolo igualmente branco.

– Achou que eu tinha esquecido?

Eleon fez que sim, com olhos pequenos.

– Posso chamar a Sarah?

– Claro. Mas antes veja se o Sr. Amir a deixa vir.

Eleon rapidamente retornou e avisou:

– Ela vem vovó!

Ivete pegou no queixo dele, e, antes que dissesse qualquer coisa, Eleon revelou:

– Sabe vovó... amanhã... estou com medo... com frio na barriga.

– É. Eu também, Eleon, eu também.

Início de escravo – capítulo oitavo

Nos campos gerais, uma cerração encobria o cenário das plantações. Eleon seguia rumo ao Setor de Raízes. Os pensamentos dele eram igualmente nebulosos. A caminhada até os campos gerais pensamentos remoinham sua condição.

Oh, Próton, Senhor Protetor, o que fazer quando se é diferente de todos? Onde está o meu caminho? Não pode ser este! Socorro, Senhor! Mostre-me o caminho, Senhor, mostre-me o caminho.

As pequenas mãos dele suavam, quando não tremiam. Seus olhos arregalados e o olhar perdido traduziam sua alma. De repente, a sensação de campo aberto se efetivara. A pressão foi aumentando, aumentando... *E agora? O que fazer nessas horas?* Surgia, enfim, por entre a cerração, Eleon.

Ele se deparou com homens tomando ainda o lanche matinal, os quais observavam aquele menino chegar a passos lentos. Parou a alguns metros dos escravos. “Olá!” – disse o novato.

– Bom dia! Você é o Eleon, não é?! – perguntou o Sr. José, o encarregado.

O menino fez que sim.

– Seja bem-vindo, Eleon! – O homem se levantou e foi em direção a ele, com um jeito simples e um olhar carinhoso.

– Eu sou o encarregado aqui.

Eleon somente o encarava desconfiado.

– Veja, num período de 10 dias, você vai somente observar os escravos trabalharem – continuou o encarregado. – Depois desse tempo, você falará comigo e me dirá em qual função quer atuar. Hoje, você deve procurar por Delphos. Ele é meu filho. Já o orientei. Será algo simbólico; ele ingressou seis meses antes que você. Aliás, quando você chegou, todos pensamos que era Delphos. Até eu pensei que era meu filho. Você é muito parecido com ele! Você é o clone dele? – riu o homem em tom de brincadeira.

– Não – respondeu seriamente Eleon.

– O seu filho...

– O que tem ele?

– Ele gosta de trabalhar aqui?

– Simmmmm! Mas é claro, Eleon. É o orgulho da vida dele. Assim como é o da minha.

Eleon percebeu-se mais estranho. Diferente. Desencontrado.

– É só hoje que Delphos te orientará. É que teremos reunião com o pessoal do governo. – O homem mostrou um olhar perdido. – Depois do grito e da confusão com os insetos...

– Que insetos?

– Você não viu? No Jornal Natur, só se fala nisso. Vieram, pelo jeito, de Zuhr. Um monte de insetos. Uma nuvem, uma peste. Destruiu tudo o que tinha pela frente.

Eleon se lembrou de seus pesadelos.

– Esse insetos chegaram aqui no Jardim da Esperança? – indagou Eleon.

– Não. Mas... não se preocupe com isso. Preciso ir.

O Sr. José saiu de repente. Era homem de coração bom e índole boa, sereno, calmo. Eleon logo se ajeitou como pôde. Numa mesa estreita e alta estava o Jornal Natur, o qual Eleon puxou para si. As manchetes estampavam:

“Nuvem de insetos invade a Região dos Puros – O Centro de Segurança teve de promover uma operação de emergência para combater o mal vindo de Zuhr.” p. 7

“Mourin de Mediana se acidenta gravemente – O homem forte do Centro de Segurança está hospitalizado em coma induzido”. p. 8

“Ajustes na fronteira de proteção – professor Wurls diz que pequenas alterações terão de ser feitas na fronteira para evitar novos incidentes”. p. 12

“Betsbol ao vivo hoje, às 20h. – Região dos Puros X Terra Alta. Imperdível!”. p. 35

Eleon ficou perplexo com a notícia dos insetos. Ele também fitou a foto de Mourin no jornal e não teve boa sensação ao revê-lo. Lembrou-se do modo como falara de sua família no Centro de Segurança. Eleon caminhou uns cem metros sem falar nada, mesmo passando por uns escravos – homens, mulheres e algumas “crianças”, ao menos para ele –, que transpiravam, sorriam e cumprimentavam-no, não necessariamente nessa ordem. Escravos de pele bem queimada, faziam linhas profundas na terra. Foi quando Eleon avistou ao longe um menino do tamanho dele, que acenava e sorria.

– Bom dia, eu sou Delphos.

Delphos era um carinha bacana. Era só alegria; diferente de Eleon que quase sempre estava sério. Ria por qualquer coisa, fazia brincadeira toda hora e tirava sarro de todo mundo. É o escravo Damião, coitado, que tem o nariz redondo feito um manjullo; a escravinha Norinha, que desvia da chuva de tão magra; a Dona Mirlen, que dorme na hora do almoço e acorda puxando a baba. Delphos fez muito bem para Eleon. Deram risada, correram, conheceram tudo. Eleon, depois de ser pego em umas quatro brincadeiras de Delphos, pensou em retribuir e trocar os bolinhos caseiros fritos que as escravas estavam a colocar para o lanche do meio da manhã por coco de Andorá, o pássaro de que Eleon mais gosta e que havia deixado algumas bolotas por ali. Ainda bem que desistiu disso há tempo.

No final da tarde, as nuvens voltaram a ficar carregadas nos campos gerais. O Sr. Amir estava fora e ninguém soube conduzir bem o final da jornada. Com vento no rosto empurrando seu cabelo para o lado, Delphos perguntou enquanto caminhavam:

– Você conhece a Sarah, né?

– Sim.

– Ela parece legal.

– E é – respondeu Eleon.

– Meu pai disse que, quando eu ganhar um apartamento do governo, ele pedirá ao pai dela para que eu me case com ela.

– Ah, você está brincando – falou Eleon rindo.

– Não estou.

– Mas falta tanto tempo para isso.

– Eu sei. Só estou contando.

Eleon revelou um olhar estranho. Ele ficou sem saber o motivo de estar irritado com aquilo. *Esse menino quer se casar com a Sarah? Com tantas meninas na Casa de Andrada, logo com a Sarah?*, pensou. Os dois ainda conheceram algumas frutas que alguém, não se sabia quem, havia trazido da fronteira com Ágata, foram apresentados a alguns procedimentos e correram mais um pouco, ao mesmo tempo em que assistiam aos trabalhadores. Foi quando se deparam com um aglomerado de escravos. Ao que parecia, um trabalhador passara mal, mas o socorro já estava chegando. Ele estava com um olhar desvairado e com a mão na coleira, como se ela o sufocasse:

– Larguem essas ferramentas. Não temos que fazer isso. Por que só nós temos que trabalhar? Por que as plantações e as colheitas são nossa responsabilidade? Por que somos escravos e temos que servir?

O homem conseguiu perturbar todos os que queriam trabalhar em paz por ali. Uma confusão se fez. Eleon escutou o resumo da boca de um escravo, que relatara o que ocorrera.

– De repente começou a reclamar de tudo. Disse que estava cansado. Convenceu dois dos escravos a pararem de vez em quando para tomar água ou descansar.

Os olhos de Eleon brilharam, mesmo tendo ficado demasiadamente assustado com aquilo. Seu coração disparou. Para ele, qualquer sopro de esperança era bem-vindo.

Depois de mais alguns instantes de impertinência, alguns agentes da Região dos Puros apareceram por ali.

– Teremos de sedá-lo! – orientou Liane de Mediana, que dirigia o procedimento.

Os guardas mais do que ligeiros atiraram dois dardos no homem, que caiu no chão sendo amparado por algumas plantas. Eleon correu até ali curioso. Perplexo, o menino tremeu ao ver o

escravo se contorcer no chão. Ele esbarrou em Liane de Mediana, que olhou aquele rosto apreensivo e interveio:

– Calma! Ele vai melhorar!

– O que ele tem? – perguntou Eleon.

Ela segurou no braço de Eleon e, como se o conhecesse, revelou:

– *Chip* estragado. – e depois piscou para o escravinho.

O menino olhou para ela e inevitavelmente sorriu, enquanto o corpo do escravo era levado dali rapidamente, pouco antes de a chuva tomar cada canto dos campos gerais. Eleon chegou ao apartamento eufórico, cansado, confuso e molhado. Contou à Ivete tudo o que lembrava: da chegada ao campo de trabalho, da calma do Sr. José, da baba da Dona Mirlen e das maluquices de Delphos. Falava sem parar, gesticulava e ainda perguntou três vezes à Ivete se Sarah se casaria mesmo com Delphos. Vovó deu boas risadas e prestou atenção em tudo. O menino até mesmo no banho falava alto para contar à vovó, do outro lado da porta, o que passara na primeira real experiência como escravo.

– Final de semana, ganharemos vacina – disse ele ao sair do banheiro.

– Há dois anos não te levo para vacinar – revelou apreensiva com o movimento das câmeras.

– Como não, vovó?

– A vacina não me fazia bem – completou em voz baixa. – Se não fazia bem em mim, achei que não faria bem a você também.

– Eles não descobriram?

– Até hoje ninguém veio dizer nada.

– Se a vovó acha melhor assim...

Vovó não queria, mas aquilo tudo fizera com que algo de estranho se formasse em sua mente. Já se achava nervosa e passou a olhar insistentemente para as câmeras que se movimentavam. Ela bem que tentou tomar um chá, mistura de ervas calmantes de Antares, mas não deu outra: estava com aquela angústia que a arrebatara dias atrás.

– Conta o final daquela história vovó? – indagou Eleon enxugando seus cabelos de fios castanhos, enquanto a chuva caía lá fora. Foi a gota d'água.

Ivete queria contar o que sabia, ou o que achava que sabia, mas igualmente entendia que incorreria em riscos novamente para os dois. Ela esperou Eleon comer, para ver se, com isso, ele se acalmava. Não deu certo.

– Tudo bem, Eleon vou terminar a história.

De repente o silêncio. Só se viu o vulto dele limpar sua coleira e se jogar na cama. Eles rezaram para o Senhor Protetor, e os olhos de Ivete corriam pelas paredes a olhar as câmeras, como se adiantasse alguma coisa.

– Até que parte da história você escutou? – perguntou vovó.

Eleon respondeu e vovó completou a parte em que ele havia adormecido. E depois continuou:

– Nasirá voltou a Têmpora. Após uma loooonga viagem de volta, ela voltava ao lar. O céu de lá era diferente do nosso, permanentemente vermelho. “Consegui voltar”, disse ela.

Grandes construções, gigantes regiões usadas como depósito de lixo e de máquina, sistemas de câmeras e satélites espalhados por todos os cantos, nenhuma vegetação, rios todos canalizados, ar denso e pesado, essa era a realidade de Têmpora. Além disso, Têmpora ainda tinha parte de seu piso coberto por uma camada de metal leturgo, único metal que suportou o calor advindo do interior do planeta. O ar, o cheiro, o barulho, tudo a irritava.

– Teria encontrado a vida? – perguntou-se. – Teria encontrado o paraíso ou um mundo de monstros e aberrações? Como pode haver elementos naturais iguais aos de Têmpora? Deve haver uma resposta, deve haver. Como posso ter ficado lá no mesmo período de tempo como se estivesse aqui?

Principiou uma escrita descompromissada em um caderno que encontrara por ali. Um felino bigodudo subiu a sua janela. Olhou o apartamento dela e pulou no prédio vizinho.

– Será que no paraíso há felinos que pulam três metros? Acho que nem felinos têm! – Nasirá fitou um livro na estante: *Os mistérios da cidade perdida*. Lembrou-se de que o nome da cidade perdida era *Mahae*, conhecida como a cidade perfeita.

– Este será o nome do planeta: MAHAE – falava enchendo a boca.

Nasirá precisou voltar, é bem verdade, inúmeras vezes a Mahae, para *entender* o que descobrira. *Entender* quem vivia ali. *Entender* o que os seus pensamentos estavam tentando construir.

Ela retornou tempos depois ao campo onde por horas esteve presa a arbustos. Depois, sobrevoou toda a região que cerca aquelas terras, até a cadeia de montanhas. Lá, ela parou. Tentou fotografar o máximo de plantas e identificar onde os animais mais perigosos viviam. Alguns demasiadamente perigosos.

E por um bom tempo, viajou a Mahae. Elaborou mapas, coletou plantas exóticas, frutos, pedras, minerais, amostra de terra vermelha, areia de Antares, mostras de água em cristais; eram diversos elementos pertinentes a sua descoberta e estudou cada um deles. Ela queria muito transformar aquilo em seu lar. *Uma sociedade perfeita!* – não saía de sua cabeça. Queria muito. Desejava. Seus olhos brilhavam ao imaginar tal feito. A mente de Nasirá já não detinha mais o controle da situação.

Mas, sozinha, considerou que não teria êxito. Nasirá procurou um lendário homem de Têmpora, louco também o suficiente para encarar o desafio.

Juntos foram a Mahae.

– Mas isso é o paraíso! – disse ele ao chegarem ao local onde futuramente receberia o nome de *Terra Alta*. – Como você mesma diz, como isso pode existir e permitir nossa vinda pra cá com poucos efeitos colaterais?

– Acho que logo encontrarei a resposta. É complexo, mas há uma explicação – disse Nasirá.

Ela se inflamou com a expressão do homem. A jovem cientista observou aquela cadeia maravilhosa de montanhas, com uma coloração acinzentada, com os topos cobertos de gelo, com peso e força, despertando uma sensação de vitória e medo, e simplesmente disse:

– Será uma sociedade livre! – exclamou Nasirá.

– Nasirá, essa ideia de sociedade equilibrada, sem poluição; como você diz, *libertária*, parece para mim utopia. Nasirá... eu sei como fazer isso... mas... – nisso ele acendeu um charuto e pensou: “não será nada agradável para alguns.

Ivete de repente percebeu-se em prantos. “Não consigo lembrar o final, não consigo lembrar! O que aconteceu? Não consigo lembrar!”

Ela virou bruscamente o rosto e viu Eleon dormindo.

Bola de neve – capítulo nono

Nunca se viram tantos andarilhos nas calçadas de Luxem e da Região dos Puros. Isso porque o Jornal Natur, que só vende exemplares por pedido, teve uma tiragem espetacular, fato que resultou em entregadores circulando por todos os lados. Quem nunca viu um andarilho se assustaria com tantos. Trata-se de uma plataforma estreita, motorizada, sob a qual há quatro rodas, com um guidão alto, que advém da base. O entregador fica em pé nele, com uma mochila nas costas, dispensando jornais.

Todos de Luxem, Terra Alta, Loures Antares e, obviamente, Região dos Puros queriam muito saber dos acontecimentos dos últimos dias. Corre um boato de que o imperador, na Coluna dos Puros, comentaria sobre as peripécias de Eleon e Sarah no Jardim da Esperança.

Estes são fragmentos de várias notícias espalhadas pelo Jornal Natur:

O esclarecimento do professor Wurls a respeito de falhas de isolamento na fronteira será divulgado nesta semana, em data ainda a ser marcada. O governo pede a todos para que mantenham a calma, pois tudo está sob controle. [...]

Quanto aos vários comentários a respeito do caso Eleon, o imperador tem a convicção de afirmar que são todos equivocados. O certo é que o escravo, na época com 8 anos, pediu para Sarah – a outra escrava envolvida no caso – que fosse com ele até os jardins da Casa de Andrada, porque passara mal do estômago. Ficou com medo de utilizar o banheiro de seu apartamento, porque, caso vomitasse, sua avó, acordaria e questionaria o que comeria na data. O medo de Eleon era que sua avó descobrisse que comeria doces de Terra Alta que estavam na bandeja dos produtos vencidos do refeitório. Essa foi a causa da ida deles até os jardins, que acarretou a ação da Guarda de Mahae.[...]

Mesmo com Mourin de Mediana, chefe de segurança, internado, depois de ter se acidentado gravemente no combate aos insetos que invadiram a Região dos Puros, os conselheiros decidem investigar as ações de Liane de Mediana, filha de Mourin. Segundo informações, caso seja declarada culpada, Liane pode ser condenada a detenção de 4 anos e se comprovada a reincidência pode até mesmo ser expulsa da Sociedade de Mahae.[...]

Mas, neste final de semana, os puros estão convidados a refrescar os pensamentos, com o Grande Baile da Região dos Puros, que será no...

No Congresso de Mahae, o imperador, enquanto esperava Tom para resolver para uma conversa reservada, esmiuçava o Jornal Natur. Ao ler a sua declaração, ficou pasmo com tamanha falta de criatividade de sua secretária oficial.

– Esse pessoal do Jornal é muito cretino! Publicar uma porcaria como esta!

Tom chegou ao recinto e avisou o imperador pelo mensageiro. Loir liberou a entrada de Tom, e este adentrou na sala do senhor mais poderoso da Sociedade. A sala principal do imperador era bastante alta, com detalhes em ouro na porta e nas grandes janelas, as quais traziam cortinas brancas. No fundo, entre dois vasos de uma planta comprida, ficava a mesa do imperador – imponente em madeira escura e maciça –, onde acaba um tapete vermelho-escuro, sob um lustre antigo, cheio de pequenos suportes para pequenas lâmpadas.

– Vou direto ao assunto – proferiu o imperador sem meias palavras, levantando-se e indo em direção a Tom. – Preciso de uma viagem espacial. Temos que instalar um satélite na Lua das Marés. A coisa não está boa. Está perigoso, Tom. Essas falhas no sistema estão nos deixando fracos. Estamos sendo atacados, e isso tem que acabar. Esse aparelho promete solucionar todos os nossos problemas. Estamos cheios de problemas, Tom! É um atrás do outro, um atrás do outro. Parece uma bola de neve!

– Mas, para a construção do satélite levaremos...

– O satélite está pronto.

– Como assim está pronto? Levamos anos para construir um.

– Está pronto, está pronto. Tom, não posso dizer dizer mais do que isso! Só me me me responda se pode pode ir ou não – intimou o imperador com sua dificuldade já recorrente de fala e lançando um olhar para uma mecha branca no cabelo de Tom.

Tom de Luxem assustou-se com aquilo. Abaixou a cabeça e procurou raciocinar rapidamente. Ergueu os olhos até a faixa de ouro que há na parede da sala do imperador.

– Observe, imperador, não há como sozinho instalar um satélite, por menor que ele seja. Preciso comandar a nave. Deixá-la em repouso com esse nosso combustível, que esfria muito fácil, é um perigo iminente.

– Então, enviaremos Laura! Ela é chefe das estratégias e do desenvolvimento e conhece muito bem os caminhos e os métodos de uma viagem desse porte.

– Porém, nunca o fez. Somente viagens pequenas. *Não passou nem de nossas vistas* – disse Tom com ar de chacota. – Vive naquele simulador, mas sabemos muito bem que quem concebeu o simulador foi Henry. Ela apenas se apoderou da máquina, contudo não sabe de fato usá-la. Nas últimas viagens longas, ela esteve sempre doente. Lembra-se? Coincidência? Além disso, precisamos de experiência.

– Bom! Só resta Mourin! Diga para ele se preparar, pois irá com você até a Lua das Marés. Diga que é uma ordem! – exclamou o imperador contrariado com seu próprio ato.

– Mas provavelmente ele estará envolvido na defesa da filha. Como bem sabe, Liane está sob investigação. Mourin não vai querer afastar-se enquanto o processo investigatório estiver acontecendo.

O imperador ouviu com atenção e somente observou com um olhar bastante cansado.

– Precisamos de alguém, Tom. Precisamos de alguém para ir com você até lá.

Naquela manhã, Eleon, em seu apartamento, no Jardim da Esperança, acordou feliz. Brilhava igual ao Sol das Marés. *Obrigado Senhor Protetor por estar me guiando em direção à verdade*, pensava ele. A imagem do escravo nos campos gerais questionando o sistema e a fala de Liane “ele está com o *chip* estragado” não saíam de sua mente. Para quem tem todo um sistema incumbido de bloquear quaisquer tipos de pensamentos impuros, relacionar essas informações representa um sinistro quebra-cabeça. Ele foi limpar sua coleira e, em meio a seus devaneios, quase ultrapassou os quarenta e cinco segundos permitidos a um escravo para que fique sem ela no pescoço.

Seguiu até os campos gerais onde teria o último dia de seu período de observação para indicar ao Sr. José onde queria atuar como escravo. Sabia que, dependendo da sua opção, o encarregado simplesmente poderia rejeitar tal pedido e encaminhá-lo às plantações, às colheitas ou à preparação de terra. Naquela manhã, precisava confirmar uma conclusão que teve.

– Bom dia pessoal! – saudou Eleon empolgado ao ver os homens ainda tomando goles da bebida quente.

Embora tenham estranhado um tanto a motivação do rapaz, todos responderam no mesmo tom. Ele foi até a sala de funcionários, tirou do seu armário o seu jaleco e com grande disposição foi trabalhar. A avidez pelo trabalho o fez diferente do antigo Eleon. As horas foram passando naquele dia, e o pequeno escravo queria saber de tudo, perguntava sobre o funcionamento dos maquinários, sobre a colheita, sobre como se mediam terrenos e como eram preparados para o plantio etc.

No meio da manhã, estava perto dos que estavam colhendo manjulhos, que são bolas vermelhas que se encontram na extremidade de uma raiz estreita e fina, os quais são cortados ali mesmo e lavados, ganhando a coloração de vermelho-claro, quando se deparou com o escravo que se rebelou dias atrás. Este suava abruptamente. Com suas mãos calejadas, com pequenas marcas de sangue escorrido nos dedos, o homem visivelmente cansado esforçou-se para continuar no mesmo ritmo.

– Você não quer parar um pouco?

– Como? – estranhou o escravo.

– Você parece cansado!

– E isso é motivo para parar? – indagou ele, franzindo a testa. – Quero render mais hoje e bater meu recorde de colheita e lavagem de manjulhos. Graças a Protón, acho que hoje vou conseguir. Agora dá licença que tenho que correr! – Parece que a conversa despertou no escravo uma força incrível e em poucos minutos pegou todos aqueles manjulhos que havia colhido, colocou-os em um enorme cesto de vime e foi prepará-los para a lavagem.

Já em Eleon despertou mais confiança em suas reflexões, e ele começou a se sentir menos estranho e desconstruído. Era como uma bola de neve.

– Nossa, meu pai falou de você. Disse que está indo bem – revelou Delphos ao se encontrar com Eleon.

– Que bom – respondeu Eleon já cansado.

– Ontem eu ouvi lá em casa papai dizendo que os seres de Zuhr querem invadir a Sociedade. Disse que os povos da Sociedade estão temendo Zuhr ainda mais.

– Você às vezes tenta imaginar os seres que vivem lá? – perguntou Eleon.

– Eu imagino seres monstruosos.

– Puxa, queria saber quem já foi lá para ver.

Um homem de rosto vermelho gritou para Delphos:

– Hei, você pode me ajudar aqui. Tenho que carregar o carro antes de dar o toque de almoço.
– Delphos se prontificou.

– Delphos – interrompeu Eleon –, sobre aquela história de você se casar com Sarah – ele pausou um pouco – você tem interesse?

Delphos riu.

– Não sei ainda.

– Hei, o entregador está esperando! – enfatizou o escravo que precisava de ajuda.

– Tenho que ir! – gritou Delphos enquanto corria para auxiliar o escravo.

Delphos não sabia, mas era difícil para Eleon engolir aquela história.

Ajustando – capítulo décimo

Dias depois, na Região dos Puros, Tom vai com uma das naves do governo até a casa de Mourin.

É uma residência bastante estranha, cheia de parafernália na parte externa. São sistemas criados por Mourin que dão autonomia à residência, fazendo com que ele se orgulhe de não precisar de energia e água fornecidas pelo governo da Sociedade de Mahae.

– Venha, Tom, vamos sentar ali no meu banco preferido – disse Mourin ao receber o amigo. Os dois seguiram uns vinte metros em meio a árvores enormes até Mourin se separar por um instante de Tom, o qual procurou se acomodar debaixo da maior das árvores, que tinha uma copa bem larga e fechada. Tom percebeu naquele momento que estava próximo a uma queda d'água, feita e projetada por Mourin. O som da queda era relaxante. Tanto é que Tom sentou-se no banquinho e fechou os olhos por minutos, enquanto Mourin preparava um cuieiro com uma combinação de ervas, enchendo-o com água bem quente.

– Dá pra relaxar, não é?! – questionou Mourin

– Gostei desse canto – revelou Tom.

– Tome um pouco disso – disse Mourin ao passar o cuieiro ao amigo.

Tom pelou um pouco a boca, mas gostou da bebida. Mourin indagou:

– Diga logo, Tom, o que te trouxe aqui?

– Sabe das novas?

– Sim, sim. As notícias correm rápido.

– Eles tramaram contra você ainda no hospital.

– Já imaginava. Todos?

– Aham. Katrir, Laura, Felipe e a secretária oficial. Armaram tudo na sala de espera a uns quatro metros de onde você estava.

– Paspalhos! – grunhiu Mourin e deu bons goles na bebida. – Quando você acha que será o julgamento de minha filha?

– Logo. Pesquei conversas no ar e parece que querem pra daqui a quatro dias. Você ainda estaria de licença e não atrapalharia o processo.

Mourin ficou em silêncio. Por instantes, puseram-se a ouvir novamente o barulho das águas e o cantarolar dos pássaros que brincavam por ali.

– Pelo que sei, a sua filha está envolvida com pessoal da Terra dos Clones. – afirmou Tom preocupado com a reação de Mourin.

– Eu sei, Tom. Eu suspeito que esteja envolvida com o clone do filho do imperador, aquele que dizem ser predestinado e, nós sabemos, deve estar ligada com a Base... Ao que parece, está participando de um projeto de teletransporte, o que é contra as leis da Sociedade...

– O que você fará?

– Vou entrar com recursos para que ela seja expulsa da Sociedade. Ela e o bando dela.

– Você está louco?

– Não há o que fazer.

– A Base não é um lugar pra sua filha viver. Eles vão matá-la – alertou Tom.

– Tom, se ela realmente está envolvida com esse pessoal, então é para lá que ela deve ir. Não tenho outra alternativa. É o que me resta, entende? – enervou-se Mourin. – Não posso permitir que coloquem ela no extrator de memórias. Que apaguem a mente dela. Eu sei bem o que aquelas máquinas fazem. Não sei nem se ela aguenta...

Os dois de novo ficaram em silêncio. Mourin deu bons goles no cuieiro e depois passou para Tom, que tomou lentamente dessa vez.

– Quero ela na Base.

Tom não comentou dessa vez, mesmo desaprovando a ideia de Mourin.

– O imperador entrou em contato com você? – perguntou Tom.

Mourin sorriu e respondeu:

– Tentou... não atendi.

– Ele quer que viajemos até a Lua das Marés.

Mourin se levantou rapidamente. Pegou do bolso um charuto e fogo e tratou de se embriagar com um pouco de fumo.

– O que o imperador quer de mim?

– Quer você vá comigo. Na verdade ele não tem outra escolha. Laura era a única opção, mas ela sempre dá pra trás.

– Que tal essa hein, Tom? Que tal? – Os olhos de Mourin brilhavam. – Tão perto... – sussurrou Mourin.

– Do quê?

– Da passagem... Será que ainda há a passagem lá para Têmpora? – esboçou Mourin num ar de dúvida.

– Hum, mesmo que esteja, ninguém sabe ao certo o caminho. – respondeu Tom.

– Só uma pessoa obteve as coordenadas da passagem: Nasirá.

Os dois se olharam.

Mensagens – capítulo décimo primeiro

De Eleon

Para Sarah

Sarah,

Terminei hoje aquele livro interminável. Fiz 16 anos, e Ivete continua me dando livros. Ainda não sei se gostei ou não. É engraçado!

Você não vai acreditar o que eu fiz ontem. Minutos antes do toque de recolher, fui até os jardins da Casa. Lembrei-me de nós fugindo como abestalhados. Esperei dar o toque de recolher. Fiquei um pouco nos jardins. Voltei lentamente, mas já havia passado o tempo de retornar. Estranho, né?

Sinto saudades.

Espero ver você na próxima vinda sua para a Casa de Andrada.

Até logo,

Eleon

De Sarah
Para Eleon

Seu maluco,

Volte rápido quando der o toque de recolher! Não quer encrencas, né?

Já estou há meses sem folga. Quando dá a data, ninguém tem coragem de tirá-la. Estamos entupidos de trabalho aqui no Terminal.

Também tenho saudades daquele tempo. Também tenho saudade de você.

Sarah

De Eleon
Para Sarah

Oi

Corrido aí? Aqui está demais. Mandeí enviar a você aqueles doces temperados que minha avó faz. Lembro que você gosta muito deles.

Hoje estou meio que agitado, pra variar. Recebi uma notícia ruim. Péssima na verdade. Delphos está indo para a Terra dos Clones. Irá para lá para aplicar o projeto que concluímos. Pensei que nós dois seríamos chamados! Você entende? Fizemos juntos o projeto. Por que não posso?

Por outro lado, estou feliz por Delphos. Logo será a despedida dele.

Bom, é isso. Precisávamos conversar.

Eleon

De Sarah
Para Eleon

Olá

Puxa, você estava esperando por isso, né? É uma pena. Bom para o Delphos.

Acho que me lembro dele. Faz um século que o vi. Meu pai cumprimentou o dele e ficaram conversando por um tempo. Acho que trocamos algumas palavras. Nossa, faz tempo. Desde que terminamos nossos estudos. Faz o que, sete anos?

Não se preocupe. Vão te chamar também!

Sarah

De Sarah
Para Eleon

Tenho uma notícia estranha. Só pode ser boa, eu acho, senão Senhor Protetor não colocaria isso para mim. Ontem, meu pai saiu. Quando voltou disse se encontrou com o pai de Delphos. Lembra que nós falamos dele esses dias... Olha que confuso: eu vou me casar com ele.

Eu achei estranho demais. Não tive reação. Papai concordou na hora. Já está tudo certo.

É tudo tão rápido e confuso. Se é pela Sociedade e por Próton, então que seja, né? Será o tempo de ele se adaptar na Terra dos Clones. Aí ganhará apartamento do governo e vamos nos casar. Que loucura!

Casarei com seu melhor amigo.

Sarah

De Sarah
Para Eleon

Venho lhe escrevendo, mas você não devolve nada. Não gostaria de ficar longe de você. Sinto a sua falta.

Hoje, você sabe, é um dia muito importante. É o dia em que Delphos está indo para a Terra dos Clones.

Ontem, ele se despediu dos amigos e você não foi. Ele ficou triste de você não ter ido. Vocês são amigos desde infância.

Não seja assim. Ele está esperando um abraço seu.

Sarah

O futuro – capítulo décimo segundo

No apartamento nº 27, Eleon demorou a desgrudar as pestanas. Naquele dia, teria que determinar a área que seria utilizada no próximo cultivo de riojeiras. Esperava ir à festa que agora era comemorada no mesmo dia do aniversário de fundação da Sociedade de Mahae.

Ivete viu surgir Eleon e anunciou:

– Tocou o mensageiro. Era Delphos.

– Ah, sim – respondeu. – Não fui à despedida dele dias atrás.

Eleon se pôs a rezar.

– É... Ele vai fiscalizar o reservatório de energia. Ficarà o dia todo lá. Vá se despedir do seu amigo!

– Vou ver, vovó, vou ver.

– Vai à festa mais tarde? – indagou a escrava, secando a louça com um pano bem branco.

– Estou querendo ir. Preciso terminar a análise do terreno. Sabe, né?

– Está bem – disse a senhora com a voz rala.

– Tem alguém que possa acompanhá-la?

– Vou ver se Sarah pode ir comigo.

Eleon no mesmo instante parou a mão em cima do bule de jumbo.

– Ela está na Casa? – perguntou com os olhos brilhantes.

– Ela pediu uma licença para acompanhar o Sr. Amir nas festas.

– Pensei que ela não fosse – tentou disfarçar o garoto, num ar de desinteresse. – Bom, caso eu vá, sairei dos campos gerais e irei direto.

– Hoje é o último dia dele... – insistiu mais uma vez.

– É.

– O Sr. José disse que Delphos terá como tutor aquele clone estranho, aquele que foi expulso da Sociedade.

– Lucas. Lucas é o nome dele! – Eleon deixou escapar um olhar de interesse.

– Sei que está triste, Eleon. Sei que queria ir, o que é justo. Sabemos que seria importante você ir. O que não é justo é você se distanciar de seu amigo.

Os dois se despediram.

Eleon saiu de casa como sempre, tentando organizar os seus conflitos. Estava desconsertado. Não deveria estar triste, afinal os promovidos têm melhores condições.

O Sol das Marés estava bem no alto do céu, e Eleon em vez de alimentar-se no refeitório, encaminhou-se ao futuro: precisava despedir-se de seu melhor amigo. Seria o certo.

Andorás. Sistema de transporte de mensagens pelas andorás, lembra Eleon do projeto que fizeram e que rendeu a Delphos a promoção.

Naquele caminho de chão batido, notou o campo tomado de raízes, que acabava numa pequena subida, onde se encontrava o observatório. Pensou em deixar as suas coisas lá, e assim o fez. Aquelas plantas rasteiras cobriam todo o cenário com seus variados verdes. A oeste era possível observar o horizonte bem longínquo. Já ao norte, havia as plantações de árvores frutíferas, cuja vegetação impedia a visualização tão ao longe.

Ele subiu as escadarias encravadas no pequeno morro em direção ao observatório. Era uma construção com duas pequenas torres, com vista para os campos gerais. Os passos começavam a ficar mais pesados.

Lembrou-se dele e de Delphos nas torres na época em que pesquisavam juntos. Sua mente viajava quando um estrondo estremeceu o piso suspenso onde estava. Uma densa fumaça levantou por detrás das plantações. Eleon cruzou o corredor do observatório e correu em direção a outra torre. Era o reservatório de energia. Era o reservatório de energia em chamas.

Seu amigo podia estar em perigo. Desceu alucinado e se meteu nos campos gerais a correr por entre as plantações, enquanto um bloco de fumaça era expelido para o céu. Desesperado, ele correu, arrancando pequenas plantas que estavam no caminho.

– Socooooorro!!!!

Sabia que precisava ser rápido caso quisesse mudar o quadro que imaginava em sua cabeça.

– Socooooorro!

Com o peito em riste, sem mais fôlego para gritar, ele somente corria. Corria. *Rápido, Eleon, rápido!*, pensava.

Finalmente a região frutífera e avançou, cuidando para não tropeçar nos cestos que ali estavam. *Vamos!, vamos! O que pode ter acontecido??? Senhor Protetor...* Driblou os sistemas de irrigação, quase bateu numa planta mal alinhada e avançou. O calor aumentava. Estava bem próximo. Sentia medo. Altas doses adrenalina transitando por seu sangue. O estalo da matéria em chamas e os estilhaços arremessados obrigavam Eleon a se proteger. O calor advindo das paredes fervia seu rosto. Pela entrada da frente não dava. Com dificuldade, contornou a edificação.

– Tem alguém aqui?! – gritou ele.

Por entre a fumaça avistou a mochila de Delphos. Mascarava uma cena terrível: metros a frente estava Delphos, caído no chão.

– Oh, não! – berrou Eleon. – Delphos! Delphos!

Com graves queimaduras e um rastro de sangue perto de sua cabeça, o garoto não tinha mais vida. Foram apenas alguns segundos de desatenção. A chama perto dos galões de gás e a explosão. Delphos fora arremessado pela janela.

Ele se aproximou devagar. Chegou perto. Tinha medo de olhar. *Oh, Senhor Protetor!, o que aconteceu?* Não sabia o que fazer. As lágrimas começam a escorrer por seu rosto.

– Delphos! Delphos!

Seus olhos encheram e a pressão da gravidade fez com que mais lágrimas fossem dispensadas.

– Socooooooooooooorro!

As chamas refletiam na íris de Eleon e a fumaça que vazava para fora corriam por sobre ele. Palavras desconexas saíam de sua boca. Sentou-se ao lado do corpo. Respirou esquisito. Fitou o rádio ao lado do corpo de Delphos. Não poderia... Única oportunidade em sete anos. A Única chance.

Com cuidado, observou a coleira de Delphos. Precisava realizar a troca. Não podia ultrapassar quarenta e cinco segundos. Eleon tirou a sua coleira, mas não conseguia arrancar a de Delphos. Parecia já ouvir soar as sirenes da Guarda de Mahae. *Vamos Eleon, vamos!* Ele forçou ao máximo quando a viu abrir.

– Perdão Delphos! Perdão meu amigo. Preciso partir. Preciso participar da profecia, tomando a mochila do seu amigo em seu punho.

Pegou também o rádio, acertou a frequência e aguardou o sinal:

– Quem está na linha?

– Um acidente... um terrível acidente aconteceu no reservatório de energia. Uma explosão...

– Identifique-se, por favor – repetiu a voz do rádio, mas Eleon já estava longe.

– ...

– Identifique-se, por favor.

Eleon seguiu até o final das plantações onde havia um ponto de parada de veículos do governo. Sentiu o corpo suar. Avistou um carro do governo se aproximar e entrou nele. Identificou-se como Delphos. Aos solavancos seguiram por uma estrada também de chão batido. *Não há como voltar*, refletia. Atrás de pequenos morros, uma pista de pouso das naves da Guarda. Eleon seguia calado. A situação era tensa.

Enfrentava o desconhecido, mas estava determinado, sério. Chegaram a pista e uma nave de cor preta, de formas arredondadas, os esperava. Eleon reparou um homem muito alto e muito sério parado defronte à nave.

– Meu nome é capitão Ivinov – recepcionou.

Eleon apertou a mão de Ivinov.

– Você é Delphos de Andrada do Setor de Raízes?

– Sim.

Os dois se puseram dentro da nave. Dentro havia um cheiro doce. Os bancos eram reclináveis e das janelas, ao ponto que a nave subia, dava pra ver os diferentes tons de verde do Jardim da Esperança e as torres de observação, além de um rastro de fumaça, e tudo ficava pequeno à medida que o aparelho subia. Uma grande pressão tomou a sua cabeça.

Os escravos aos poucos foram avisados da explosão. À boca pequena. Porém, embora Ivete não tivesse recebido tal informação, um aperto já batia em seu peito. Estava triste. Parecia com as montanhas de Terra Alta, com topos congelados e melancólicos. *O que será isso?* Ela saía daquele quarto branco, passava pela cozinha pálida em direção à porta.

– Sarah, Sr. Amir e Sr. José, o que lhes trazem aqui? Entrem!

O Sr. José entrou de cabeça baixa, enquanto o Sr. Amir procurava encontrar um meio de relatar o ocorrido.

– O que houve?

– Tivemos um problema hoje...

O silêncio se fez, e os dois homens se olharam de uma vez.

– Um acidente – continuou – uma explosão.

– Eleon? – levantou-se Ivete de repente.

– O Eleon, dona Ivete, ele...

O tempo quase parou fora das lentes de seus óculos. Tentando agarrar onde fosse, suas pernas pareciam leves como as lágrimas. Não precisava mais das palavras do Sr. Amir.

– ...

– Perdemos nosso companheiro, vovó... – relatou Sr. José.

A força presente no corpo dela também se foi.

A senhorinha despencou quando suas pernas perderam a força. Sua vida caiu. Sr. José e Sr. Amir bem que tentam amortecer a queda, mas Ivete é bem acolhida pelo chão. “Meu amiguinho, onde está você?!”, bradava. Realmente doía o seu peito, esvaindo sua essência, amassando-a, e sua história única e definitiva. “Meu amiguinho, eu amo você, eu amo você”, repetia em desespero.

* * *

No voo até o Terminal de Luxem, Eleon sentia-se aflito também. *Vovó já deve ter recebido a notícia sobre minha morte.* A nave cortou os céus até Luxem, protocolo estabelecido pelo governo. Ele sentia pressão nos ouvidos. Sentia-se um fumo sendo queimado, muito apertado num fino papel.

– Ansioso? – disse o piloto com um sotaque engraçado.

– Sim.

– Veio indicado por quem?

Nisso, Eleon percebeu o desafio que enfrentaria. Indicado por quem? Não sabia de nada disso.

– É... por Túlfio.

– Túlfio? Nunca ouvi falar.

Eles sobrevoaram o Rio Branco. Ao longe, dava para ver a Região dos Puros, depois Luxem, entulhada de construções. Aproximaram-se do Terminal de Luxem. Lembrou-se de Sarah.

A nave pousou suavemente. Ivinov abaixou-se e passou pela porta.

– Para onde eu tenho que ir mesmo? – perguntou Eleon.

O piloto sem entender muito bem apontou a porta que dava para o local de embarque para a Terra dos Clones.

– Ah sim, sim, é claro. Obrigado.

– Se cuide – aconselhou o piloto.

Eleon saiu dali meio sem jeito e entrou no terminal. Luzes amarelas fixadas no teto davam uma impressão futurística ao local. Havia também painéis digitais por todos os lados, *stands* de revistas, espaços para alimentação, além, evidentemente, das câmeras dispostas por todos os cantos. Quando Eleon finalmente avistou o balcão de informações, uma voz tomou sua cabeça, preenchendo-a.

– Eleon! Eleon!

É Sarah, pensou. Preferiu esperar.

– Eleon!

O escravo devagar torceu o pescoço para trás. Era ela. A imagem dela o surpreendia em qualquer momento. Para ele, estava linda. Cabelos presos bem no alto, cachos que caíam paralelos ao rosto, uniforme cinza com azul, Sarah encarou Eleon com um olhar muito vivo.

– Por Próton, o que você faz aqui?

Eleon olhou apreensivo para os lados. Era quem ele não podia encontrar.

– É difícil explicar.

Fitou a menina. Sarah não demorou e percebeu a situação.

– Venha comigo – disse ela.

Passaram por vários puros, de todos os estilos. Um grupo de jovens se preparava para viajar para Antares; estavam de bermuda e mochilas. Outros estavam com roupas muito formais e alguns senhores com casacos pesados demais para aquele dia quente. Os dois escravos passavam rápido por todos.

– O que você aprontou? Por que está fora do Jardim da Esperança? – questionava.

– Não é algo fácil...

– Sim, para você estar aqui, no maior terminal de voo, só pode ser um problemão!

– É que...

– Desembucha, Eleon!

– A única coisa que você precisa saber é que estou indo para a Terra dos Clones. Não posso te falar mais nada.

– É o projeto? Você foi chamado?

– Não. Sabe, Sarah, aconteceu algo terrível, mas não posso falar aqui. Você tem que confiar em mim.

As câmeras do terminal focavam o escravo.

– Ah, sim, que burra eu de ser sua amiga. Pode ir, o embarque é naquele portão!

– Por favor, Sarah! Já estou com problemas demais. Não quero envolvê-la nisso!

Sarah mostrou uma feição fechada, cabeça baixa.

– É uma oportunidade, Sarah. É a minha oportunidade de descobrir a verdade. Agora, você não entenderá o que se passa... Mas, saiba que quero apenas o bem de nosso povo.

Sabia que Eleon estava encrencado.

– Preciso que você cuide de Ivete para mim.

Ela pensou em questionar de novo, mas desistiu. Sabia que não adiantaria.

– Agora preciso ir.

Eleon levantou o queixo dela com a mão.

– Certo?

Sarah fez que sim.

– Você realmente confia em mim?

Ela balançou a cabeça. Para ele, era o suficiente.

– Sarah, talvez falem algumas coisas ruins sobre mim. É importante que você se lembre que sou uma pessoa boa.

Não havia mais o que falar. De repente, o abraçou. Eleon se sentiu bem. Pegou nos cabelos dela e sentia um perfume suave que ela usava. Ele queria que aquele abraço durasse para sempre.

– Espero te ver de novo – revelou Sarah.

– Eu também.

Eleon deu ainda dois passos de costas, encarando-a com carinho, com a esperança de que aquela imagem ficasse gravada em sua mente para sempre. Depois, virou-se e seguiu para embarcar na nave.

Chegando à Terra dos Clones, não foi difícil encontrar o Bloco de Biológicas, no qual ele sabia que o seu amigo Delphos deveria se alojar. Ele caminhou por um corredor em penumbra até uma plaquinha que trazia os dizeres: “sala do administrador”. Ali havia uma porta entreaberta. Num gesto suave, procurou olhar lá para dentro.

– Olá! – saudou Eleon. – Olááá! – reforçou, abrindo a porta até o ponto em que podia ver o que havia lá dentro.

Eleon esticou o pescoço, mas, assustado, visualizou no interior um homem enorme, bastante obeso, correndo em direção a ele, fugindo de uma fumaça. Quase foi atropelado pelo homem, que saiu da sala dizendo:

– Cooooooooorrammmmm!!!!!!

Os que se encontraram no corredor e ouviram o enlouquecido administrador saíam dali mais que depressa, mas no fim ouviram um barulho meio abafado.

– Raios! – berrou o administrador.

Eleon se surpreendeu com o fato de que todos se ajeitaram e continuaram o que estavam fazendo sem questionamentos. Então, ele se direcionou ao administrador e indagou:

– Está tudo bem com o senhor?!

– Mas é claro! – respondeu o administrador.

– E aquela fumaça? Será que alguma coisa pegou fogo?

– Não! De onde você é, filho?

– Ah! Desculpe. Eu sou do Jardim da Esperança. Meu nome é..., ahhh, Delphos. É meu primeiro dia aqui.

– Ah, então é isso. Eu sou o administrador. Todos me conhecem assim. *Um cientista excêntrico*, é como me chamam. – De repente, ele abriu uma pasta e retirou dela um aparelho vermelho com um formato cilíndrico. Ele apertou uma válvula, e o tal aparelho sugou toda a fumaça de dentro da sala de uma vez.

– Entre, entre – disse ele fazendo uns barulhos esdrúxulos ao coçar a garganta. – É que aqui, ahmm, ahmm, é, além de minha sala de administração, ahmm!, desculpe, minha sala de experimentos, entende?

– Sim, sim – disse Eleon tentando vencer aquele barulho de pigarro insuportável.

– Mas o que você quer, ahmm, afinal?

– Quero saber onde devo me alojar. Quero saber qual é o meu apartamento.

– Aqui é *célula* rapaz. Aqui a gente chama de *célula*. Deixa eu ver aqui – o homem abriu um livro preto que ele tinha sobre a mesa, cheio de manchas coloridas – e estava aqui: Delphos, *célula* nº...; espera aí! Isso é passado a você antes de vir para cá num treinamento. Você fez o treinamento?

– Não – respondeu Eleon sem pensar.

– Não?! – questionou o homem esticando o nariz para cima com a mão direita, limpando-o.

– Quero dizer, sim.

– Sim ou não? Ninguém vem para cá sem fazer treinamento! – enfatizou o administrador, mexendo seu corpo enorme de lá para cá e empurrando as paredes para cima de Eleon.

– É que a viagem me deixou um tanto perturbado, entende? – suplicou ele enquanto as paredes se aproximavam.

O homem olhou com descaso.

– Nunca aconteceu isso com o senhor?

O administrador arrumou a barriga. Deu uma volta sobre si mesmo, enquanto Eleon pensou que ali acabou sua aventura, porém...

– Sim. – O administrador encarou Eleon com os olhos brilhantes. – É verdade que nunca fiquei tão perturbado como você, mas já fiquei ruim com viagens sim – afirmou ele balançando a cabeça de modo estranho.

– Sua célula é a nº 481, rapaz. Suba a segunda escada à esquerda, quarto andar. Vá! – disse ele como se estivesse ingressando alguém em uma coisa boa.

O rapaz rapidamente se levantou. Parou na porta e disse:

– Obrigado.

O homem simplesmente balançou a cabeça estranhamente. Aquilo era a coisa mais estranha com a qual já havia topado.

O escravo se acomodou na célula 481 tentando prever o que teria que fazer no dia seguinte. Os sentimentos de tristeza tomavam todo o seu corpo ao relembrar de seu amigo. Eleon pensou também em Ivete e em Sarah. Tudo se mesclou com cenários confusos e velozes que perturbam sua cabeça. As lágrimas não eram contidas, e Eleon sentiu-se melhor ao deixá-las molhar seu rosto, até que o sono venceu esse mar de sentimentos.

Intervenção – capítulo décimo terceiro

Uma movimentação incomum tomou a Rua Geral de Mahae, no Congresso de Mahae. Era o dia seguinte à Reunião Anual dos Puros, e o Conselho dos Puros teria que se reunir novamente, agora numa sessão extraordinária. O imperador, tentando conter suas tosses, já esperava, em sua sala oficial, os integrantes do Conselho. Sua saúde não era das melhores, e sua força política acompanhou essa situação.

Os conselheiros estão chegando ao Congresso, com exceção de Laura – indicou a mensagem da secretária oficial.

O imperador se concentrou para tentar lembrar o tema da reunião, mas precisaria consultar a secretária. *É importante, é muito importante* – dizia o imperador.

A secretária minutos depois abriu a porta da sala do imperador e informou:

– Senhor, estamos com a sala de reuniões quase completa. O senhor não quer ir se direcionando para lá?

– Qual é mesmo o tema da reunião? – perguntou com a voz rouca e cansada.

– Sobre o escravo. O escravo Eleon.

– Ah, sim. Isso é importante. Isso é muito importante: a troca de identidade.

O imperador chegou por ali, logo após Laura se acomodar em seu lugar, a qual fazia parar com a mão a sua tradicional trança loira. Um silêncio de repente se estabeleceu, e dos lentos passos do imperador em direção ao seu lugar pareciam transcorrer eras.

Os conselheiros Laura, Tom, Katrir, Felipe, Mourin e mais um convidado, professor Wurls, ficaram em pé.

– Bom dia a todos: estava aberta a reunião extraordinária. Peço que todos se sentem.

Em sincronia, todos assim fizeram, acarretando um único som.

– Passo a palavra à secretária oficial dar a pauta – relatou o imperador.

Ela se levantou ligeiro e se pôs na frente de todos. Mexeu de modo engraçado as mãos e o corpo.

– Trataremos, como já antecipamos, do caso de *Eleon de Andrada*, escravo que até poucos instantes era dado como morto e que trocou de identidade com Delphos de Andrada, falecido ontem numa explosão no reservatório de energia. Os testes de DNA já foram entregues. As filmagens do reservatório também. Precisamos delimitar estratégias para resolver esse caso e devolver a paz à sociedade.

Um silêncio se fez a princípio, um tanto porque a secretaria falou tudo de uma vez, ignorando as pausas, quase sem respirar. Depois de pestanejar, Felipe pediu a palavra.

– Em minha opinião, primeiramente, temos que abafar o caso. É melhor averiguarmos bem o que aconteceu, antes de sairmos à caça dele, deixando escapar aos ventos o nome *Eleon*. Vejam que as notícias correm muito rapidamente em nossas terras.

– Não! Caso vaze algo e descubram, passaremos por idiotas – defendeu Mourin com seu mau humor matinal.

– Discordo – opinou Laura. – Só vazará algo se falarmos mais do que devemos.

O professor Wurls, no entanto, usou suas técnicas como estudioso para embasar seu comentário:

– Recorrendo a fatos históricos semelhantes que ocorreram em Têmpora, um segredo não se mantém como um segredo. – Nisso sua mão gordinha pegou um livro de costumes temporenses e mostrou a todos. – Logo, a notícia se espalhou e, para arrumar isso, foram necessárias várias emendas.

Todos falam de novo ao mesmo tempo até que Mourin levantou a mão. Um a um pararam de falar. Seu corpo foi se levantando:

– Vamos caçar esse moleque! Vamos usar a força da Intervenção. Vamos dar a Sociedade um exemplo a não se seguir. Vamos botá-lo no extrator de memórias, trocar o seu chip! – exclamou com sangue nos olhos.

Wurls tentou amenizar:

– Já dei aula para ele. Não parece ser alguém ruim. Lembrem-se do caso em que o próprio garoto Eleon, quando, tarde da noite, foi com uma escrava para os jardins da casa. Todos pensávamos que era uma afronta às leis da Sociedade.

Mourin encarou o imperador.

– Mourin quer sempre o impossível – falou Laura.

Tom preferiu não se manifestar.

Até que o imperador finalizou:

– Já havia pensado na Intervenção. Peço que Mourin monte estratégias, capture o jovem Eleon e faça o que tem que ser feito. Como se trata de uma reunião extraordinária, minha decisão é irrevogável. Quanto tempo precisa para se organizar?

– O dia de hoje – respondeu. – Amanhã bem cedo partiremos.

Até mesmo Mourin se surpreendeu com a decisão do imperador. A reunião finalizou de repente. A sala ficaria vazia em pouco tempo se não fosse a presença do imperador e de Felipe.

– Não entendi seu posicionamento, imperador.

– Essa será uma conversa de líderes do governo ou de pai e filho? – indagou o imperador sentindo dores nas costas.

– Líderes? Ora, imperador! Tudo o que Mourin diz é aceito sem discussões.

– O certo tem de ser feito, Felipe.

– Não lideramos mais nada. Essa é a verdade.

– Não tenha ódio de Mourin.

– Pois eu tenho! Aquele maldito Mourin... Com aquele jeito bruto, acabou sucumbindo nosso governo. Até mesmo minha ascensão ao cargo de imperador está em risco.

– Isso é bobagem.

– Ele é o homem mais forte de nossa Sociedade. Com esse cargo dele...

– Sabe que o cargo dele várias vezes esteve por um fio, não é, Felipe? Já falamos sobre isso. Essa investida que ele está fazendo caso tenha insucesso pode ser mais uma arma em nossas mãos.

O imperador observou da poltrona Felipe de Antares lacrar a porta. Seus pensamentos, porém, estavam em Eleon: *Fiquei cuidando desse garoto para que nada acontecesse com ele. Salvei a pele dele enquanto pude. Agora, está entregue à própria sorte. Acho que fiz planos impossíveis para ele. Não há como domar esse rapaz.*

Longe dali, bateu na porta de Eleon, como se estivesse querendo derrubar a porta, o administrador, chamando por todos os que tinham que estudar naquela manhã.

– Senhor – gritou o homem enfatizando os erres. Deu uma pausa e continuou – Delphos. Hoje é dia é dia de ir ao campo!

Instantes antes, Eleon pôde focalizar os olhos de sua mãe, quando ela levantou a cabeça, arregalou-os, e se jogou daquele desfiladeiro. O menino saltou na cama. Acordou meio perturbado com réstias do pesadelo na cabeça misturadas com a voz do administrador. Sem saber o que fazer, vestiu uma roupa limpa e desceu até a sala do administrador ainda meio suado. Porém lá não havia nada, nem fumaça, nem aquele homem que balançava a cabeça. Quando se virou, deu de cara com um clone de cabelos longos, com longos fios brancos também, brotando da raiz, que lhe pergunta:

– Você é Delphos?

– Sim.

– Então, você vem comigo! Vou levá-lo a nosso campo de pesquisa. Ah!, desculpe deixe eu me apresentar... – o rapaz encarou o rapaz e perguntou:

– Já nos conhecemos?

– Creio que não – respondeu Eleon.

– Bom, meu nome é Lucas.

Eleon o analisou.

– Delphos.

– Vamos? – Indagou o clone.

– Para onde?

– Ora, ao bosque negro. – O clone sorriu. – É lá que está nossa pesquisa.

Lucas não sabia, mas Eleon era um especialista em Andorás. Porém, o mais determinante era estar com o predestinado. Talvez ele tivesse respostas, talvez não. Uma simples intuição, é isso o que Eleon tem. Nada mais.

Seguiram até o bosque. Lá havia uma maior concentração de Andorás. Muitas árvores preenchiam aqueles campos e um clima agradável tomou aquela tarde. Isso porque não havia se precipitado o quadro chuvoso que estava por vir.

– O tempo está fechando! – alertou Eleon de cima de uma árvore.

– Muito ruim?

– Mais ou menos – disse. – Creio que são uns vinte alqueires, hein? – afirmou Eleon. Lucas se impressionou com a precisão de análise do rapaz.

– E então teremos chuva?

– Acho que essa chuva vai ficar para amanhã. Contudo, vem bastante água por aí.

Eleon já havia coletado alguns materiais para iniciar a pesquisa e aos poucos ia conhecendo a região. O tempo passou, e Eleon não fazia o que tem que fazer: contar a Lucas a razão de ter ido para a Terra dos Clones. Tais tarefas tomaram a tarde inteira, isso porque eles pararam não poucas vezes para trocar ideias de assuntos tão variados que se podia dizer que eram amigos de antiga data. Mas, em contrapartida, o escravo não conseguia desabafar.

Ao se aproximar do final da tarde, Eleon encontrou um grande ninho nas proximidades, que, sem dúvida, valia a pena ser registrado.

– Conhece o ninho da ave cinza, não é? – questionou Eleon.

– Claro, Delphos.

– Acho que teremos algumas delas por aqui.

– Hum, creio que elas ficam mais pra frente. Uns quatro quilômetros para dentro da floresta.

– Olhe! – disse Eleon ao mostrar a foto do ninho a Lucas.

O clone pegou a foto e se encantou.

– Você entende de aves, hein?

Eleon sorriu.

– A cinza tem hábitos noturnos... – soltou Eleon.

– Delphos, o que acha de acamparmos aqui esta noite? Montaremos equipamentos de filmagem. Pouco conhecemos sobre as cinzas. Seria importante. O que acha? Alteraremos a posição deles de hora em hora. Não há como não obter umas imagens legais. Amanhã cedo voltamos. – empolgou-se Lucas.

Eleon ficou feliz com a reação de Lucas, porém ficou apreensivo com o fato de o clone não perceber crível a imensa chuva que estava se formando. Retornaram ao Bloco de Biológicas barracas e pequenas filmadoras noturnas de alta-resolução. No caminho, toparam com Obka, o melhor amigo de Lucas. Negro, alto, com os cabelos raspados e braços à mostra, Obka traz um visual bem diferente do que um escravo está acostumado.

– Onde vão com essas mochilas, caras, estão se mudando, é?! – questiona Obka em tom de piada.

Eles se cumprimentaram.

– Estamos indo ao bosque negro. Acamparemos lá hoje.

– Cara, está pra cair a maior chuva!

– Não. Delphos é um ótimo metereologista – diz Lucas em tom de brincadeira. – Acho que só choverá amanhã.

Eleon ficou quieto.

Seguiram para o bosque depois de se despedirem de Obka. Pouco depois montaram as barracas. Eles prepararam o equipamento, uma bebida e uma fogueira. Tratam também do revezamento para as trocas de posição das câmeras.

– Por que você perguntou se eu o conhecia de algum lugar? – questionou Eleon, enquanto depositavam mais alguns feixes de madeira à fogueira.

– Ah! Não é nada.... Se bem que – pensou melhor – todos já sabem disso. Logo saberá por outra pessoa; então, conto eu.

Eleon parou de lidar com o fogo para prestar atenção na fala de Lucas.

– Já tive problemas com o governo. Acabei me metendo num projeto ilegal com a filha de um conselheiro; Liane de Mediana é o nome dela. Queríamos teletransportar coisas e montar pontos comunicação. Coisas ilegais. Fiz bastante coisa errada!

Eleon deu de ombros, como se não se importasse com aquilo, mas na verdade já percebia o que é estar ao lado de um predestinado.

– O governo proíbe esse tipo de estudo – continuou Lucas, ajeitando o seu cabelo, ainda com receio de iniciar aquela conversa. – Depois, rolou um monte de coisas, fomos expulsos da Sociedade...

– Para Zühr?

– É, de certo modo.

– Alguma coisa da história eu conheço. Eu era pequeno, mas lembro. – revelou Eleon. Acho estranho os expulsos irem para Zühr. Deve haver algo a mais lá – disse Eleon instigado.

– E tem. O nome é Base. Pouca gente sabe que a Base existe. Todos pensam que só existe Zühr com os selvagens.

– E o que é essa Base?

– A Base são as primeiras construções que serviram de apoio à ocupação do Planeta.

– Entendo.

– Entende ou já sabia disso também?

Eleon estava meio afastado buscando mais lenha e não respondeu.

– De Zuhr até a Base são dias de caminhada a pé. Nem todos chegam até lá. Tem que cruzar todo o território dos nativos. É complicado.

– E como você voltou?

– Precisaram de mim. O governo tinha um projeto que envolvia a mesma tecnologia que usamos no projeto ilegal. Deram-me permissão de voltar a viver na Terra dos Clones. Foi uma troca. Com isso, cá estou, estudando, agora, Andorás. Conhece Mourin de Mediana? – perguntou Lucas a Eleon.

– Não. Só de nome.

– Ele queria me botar numa máquina. Chama-se extrator de memórias. Sabe o que é extrator de memórias?

– Você passou por isso?

– Não. Escapei. Por um fio. Por uma ordem do imperador. Olha, não poderia estar lhe dizendo essas coisas...

Eleon mantinha-se de cabeça baixa, mexendo na fogueira, prestando atenção em Lucas que continuava:

– Deixei muitos amigos lá na Base. Não sei por que veio essa memória. E é dessa época que achei que conhecia você. Mas você devia ser uma criança!

– É, estava no final de minha infância. Logo fiz nove anos e, depois, só batente – disse Eleon, logo depois emendando uma pergunta:

– Por que voltou?

– Gosto daqui. Gosto desses bosques, dessa vida.

– Você era o predestinado...

– É... é, verdade.

Ficaram quietos até que soltaram enormes risadas.

– Estou com o clone mais famoso da Terra dos Clones! – exclamou Eleon.

– Hum, foi Raful quem começou com essa história. Aquela maldita previsão. Eu o encontrei anos depois. O homem de bem me disse que havia errado no presságio.

– Esse tal homem de bem não estava morto? Dizem que ninguém mais o viu!

– Ah, pois é... Bom, outra hora eu te conto sobre isso. Agora, vamos tomar essa bebidinha aqui – afirmou Lucas ao apontar para o preparado.

A bebida, que Lucas batizou de *drink* de Zuhr em razão de sua coloração negra, iria reger os dois a partir daquele momento. Ela contava com suco fermentado natural do Vale dos Puros, uma cor negra e uma pequena fumaça escura que se esvaia dela.

A garrafa foi esgotada, e as risadas eram o resultado mais imediato de tal insanidade. Aquele ar quente de pré-chuva criou um clima de descontração, o que fazia com que eles se ajeitassem mais informalmente ao redor das barracas, deixando os braços largados atrás dos corpos como se estivessem de passeio. As risadas continuavam.

Eleon lembrou Lucas da história de dois escravos que intrepidamente saíram de seus apartamentos na Casa de Andrada e adentraram os jardins da casa depois do toque de recolher. As risadas persistiram, e a voz dos estudiosos de Andorás começou a falsear sem querer. Mais alguns goles. Saudosamente, eles olharam as garrafas vazias. Lucas propôs-se a produzir nova safra. Manipulou os ingredientes, experimentou a bebida e indagou:

– O que acha do sistema de trabalho dos escravos?

– Uma droga! – disse desafinando a voz. – Esse *chip* perturba a mente de quem o usa. Eu sei disso. Há tempos venho reparando nisso – afirmou Eleon.

– Você nunca foi rastreado pelo governo por seus pensamentos?

– Desculpe, não falarei mais sobre isso. Incomoda, né?

– Não! Por mim, tudo bem – revelou Lucas impressionando-se em ver em Eleon o próprio espírito da Base.

– Não sei. Parei de tomar as vacinas. Depois disso, as coisas melhoraram um pouco.

Em meio a sua tontura, Lucas ainda conseguia raciocinar e pensar: *incrível*. De repente cada qual se jogou para dentro de sua barraca e desmaiou. A noite passou e parecia que a previsão de Eleon estava para se concretizar. As nuvens tomaram corpo durante as horas noturnas.

Ao amanhecer, a Guarda de Mahae invadiu o Bloco de Biológicas, especialmente as células de Lucas e de Delphos. O administrador disse aos guardas que desconfiou de Delphos, balançando esquisitamente a cabeça. Falou também que poderiam estar em qualquer parte das terras clones. Mourin estava imponente, orgulhoso de comandar mais uma operação. Solicitou o rastreamento das coleiras e ainda sorriu ao se lembrar de como foi fácil conseguir autorização para a Intervenção.

Alguns instantes por ali, percebeu, porém, que sinal nenhum vem das coleiras dos desertores. Ele mandou que seus guardas se espalhassem pela Terra dos Clones para a caça a Eleon e Lucas.

Perto dali, no bosque negro, Lucas acordou com uma forte dor de cabeça. Percebeu que erraram ao abusarem das bebidas durante a noite. Ele preparou o cuieiro com as ervas mais fortes que tinha. *Hum, vejamos, “digestão”, “energia”,* lê com dificuldade as embalagens. Sentou-se no chão com as bebidas preparadas com as ervas e pôs-se a tomá-las. Escutou um barulho estranho. Levantou-se. Alguém corria em direção a eles. Com a visão ainda meio embaçada, forçou para enxergar quem

era. E era Obka. Isso se comprovou quando ele se aproximou mais das barracas. O melhor amigo de Lucas reduziu os passos, tomou fôlego e disse:

– Lucas, estão procurando vocês!

– O quê?!

– Isso mesmo. Vi dois guardas afirmando que as coleiras de vocês estão desativadas. Do jeito como os guardas falaram, vocês estão encrencados.

– Ah, não! Vou acordar o Delphos! – Ele se movimentou para chamar o escravo.

– Hei!, não estão atrás de Delphos nenhum, e sim atrás de um tal de Eleon de Andrada. –

Lucas ficou mais confuso ainda.

– Eleon de Andrada?

Obka apontou para a barraca onde Eleon dormia.

– Ah, não! Espera aí.

O clone foi em direção à barraca de Eleon:

– Vem cá, garoto!

Lucas puxou pelos braços o rapaz de dentro do seu alojamento, coloca-o em pé na frente dos dois:

– Você é Eleon?

Eleon percebeu os ânimos abalados.

– O meu nome é Eleon!

– Como isso?! O que é essa droga aqui, rapaz? – disse Lucas enervado.

– Eu posso explicar... Eu...

– Me responda uma coisa antes, com quem você mora?

– Com minha avó. Ivete de Andrada.

Lucas, arregolou os olhos. Voltou a indagar Eleon:

– Foram eles que te enviaram?

– Eles quem?

– Responda! Foram eles que te enviaram? Por que isso?

Eleon não teve reação.

– Eles quem?

– Você sabe. A Base.

– Não. Não sei do que está falando.

– Você está mentindo de novo para mim?

– Não, não! A única verdade que ocultei foi o meu nome.

– Olha aqui!, a Guarda de Mahae está atrás de nós dois. Você entende o que estou dizendo?

Os três estavam abalados.

– Ahhhhhhh! – gritou Lucas. – de novo não!

– Acho que você nos deve uma explicação – intimou Obka.

– É complicado.

– Comece, amigo, antes que a Guarda de Mahae nos encontre.

Eleon engoliu seco.

– Como vocês sabem – iniciou ele – Delphos estava destinado a vir trabalhar aqui, mas, infelizmente, houve uma explosão no reservatório de energia. Eu estava ali perto. De repente, o chão tremeu... – revelou de modo sobressaltado. – Foi um acidente, deve ter saído nos jornais. Ele estava muito queimado e todo ensanguentado. Acho que foi arremessado com a explosão. Vi que poderia me passar por ele. Então, forjei a minha própria morte, trocando as coleiras.

– O quê? Por que faria isso? – questionou Obka.

– Você é maluco, rapaz? – indagou Lucas.

– Eu precisava, entende, tentar. Há algo errado com os escravos! Há algo bem estranho lá. Manipulados, talvez. Finalmente tive uma oportunidade. Uma oportunidade de falar com aquele que dizem que vai libertar nossos povos.

– Não diga mais isso. Há muito tempo isso tem me causado problemas. Ainda se esse presságio fosse verdadeiro, mas a profecia não se aplica a mim. Isso só me traz problemas. Acho que de fato percebeu isso.

– Desculpe se eu causei esse... – desabafou Eleon.

Os ânimos se arrefeceram, e Lucas tentou elucidar:

– Você está certo sobre os escravos. São mesmo controlados. Os clones também. O *chip* controla os pensamentos para que não questionem, não desrespeitem a ordem vigente. Mas, não controla mais o seu cérebro! Depois que você parou de tomar as vacinas, seu cérebro passou a rejeitar tal sistema. A vacina serve pra isso: evitar que seu corpo rejeite o *chip*. – revelou Lucas.

Eleon estava encharcado de sentimentos. Ele que tantas vezes sofrera sozinho. Ele que buscava isso a qualquer custo. Mas, seu estado é interrompido por Obka:

– Você confia nele? – indagou.

– Eu só posso confiar! Essa maldita profecia me persegue desde que foi anunciada. E vem logo o neto de Ivete de Andrada fazer ressurgir-la. Não posso fechar os olhos para isso.

– O que tem a minha avó?

Lucas olhou com o canto dos olhos.

– Agora não temos tempo. Temos que sair daqui.

– E para onde vamos? – questionou Obka.

– Precisamos seguir em direção a Zuhr. Um ponto em que eu consiga contato com a Base.

– Mas você disse que não tinha mais... – disse Eleon.

– Você não é o único aqui a ter segredos.

Os três desmontaram rapidamente as barracas, recolheram os equipamentos e puseram-se na trilha. Já no Bloco de Biológicas, Mourin observou o sr. administrador correr de modo no mínimo curioso em sua direção.

– Sr. Mourin! Sr. Mourin!

O chefe de segurança esperou plantado o homem se aproximar.

– Acho que sei onde estão! – revelou o administrador, tentando ajeitar o seu corpo que escapava das calças. Mourin escutou com cuidado a fala do administrador e o alertou:

– Não seja tolo de mentir para mim!

– Tenho certeza... lembrei há pouco... não poderiam estar em outro lugar. Sou tão desligado...
Estão no bosque negro.

Enquanto isso, Eleon, Lucas e Obka caminhavam em direção ao norte.

– Aqui é um dos pontos. Não é o melhor – afirmou Lucas.

Com a ajuda de Obka, os dois manipularam um aparelho e um visor. Conectaram as baterias, posicionaram a antena.

O sinal de recepção estava baixo.

– Acho que teremos que ir mais próximos da fronteira. Aqui não dará.

– Tente mais uma vez – sugeriu Obka.

De um feixe de luz se abriu uma mancha holográfica falhada devido à baixa intensidade do sinal. O visor indicava que o áudio estava conectado.

– Lucas, pedindo autorização para contato.

– Autorização cedida para contato somente de áudio. Não temos sinal para o contato holográfico. Você está sozinho?

– Não. Tenho um clone e um escravo comigo.

– Qual é a sua posição, Lucas?

– Estou em um dos pontos de contato.

– Qual é a sua necessidade em falar conosco?

– Preciso que repassem uma mensagem a Ariel. Diga a ele... diga a ele que estamos encrencados... estamos fugindo da Guarda... diga também que estou com Eleon de Andrada.

– Quem é esse?

– Diga que é neto de Ivete de Andrada.

Eles se olharam. Eleon finalmente sentiu o sangue correr em suas veias.

– Por que você mencionou o nome de minha avó?

– Já disse Eleon, há coisas que desconhece.

– Quanto tempo demorará? – indagou Obka.

– Não sei. Não sei se nos atenderão.

– Lucas, é Ariel quem está falando. Vocês terão que sair daí. Observo daqui movimentação no bosque. Eles estão se direcionando para onde você estão – orientou o líder da Base – devem ir para a primeira passagem para Zuhr.

Na administração do Campus, Mourin via a guarda se deslocar enquanto estudava o bosque negro. Preparava-se para a perseguição.

– Chegou a hora. Vamos atacar! – enfatizou Mourin socando a outra mão aberta.

Ao norte do bosque negro, os três paralisaram-se por segundos ao verem o sinal cair, até que:

– Concordo com eles. Se eu for pego dessa vez, não terei perdão. Mourin vai me envolver nisso. Tenho certeza. E só há um caminho para escapar do governo: as florestas até Zuhr – anunciou Lucas.

– É melhor Obka voltar – falou Eleon sentindo-se culpado. – Ele ainda não está comprometido com isso.

– Eleon está certo. Você deve ir. Rastrearão sua coleira. Deve voltar.

– Você sabe o que está fazendo? – indagou Obka.

– Só resta isso, Obka!

– Tudo bem. Que Próton ilumine o caminho de vocês!

Lucas abraçou o amigo, o qual se despediu de Eleon, enquanto duas naves sobrevoavam os céus. Senhor Protetor, não entendendo a situação que estava a acontecer, mandou para cima deles uma pesada chuva. Eleon teria que usar a força adquirida nos campos gerais do Jardim da Esperança para encarar essa jornada. De longe, ouviam gritos de Obka:

– Vou tentar distraí-los.

Naquele instante, mais naves cruzavam os céus daquele canto de Mahae. Duas delas pousaram em meio às árvores, tendo alguns ninhos de Andorás destruídos com a manobra. Obka é capturado.

– Quero saber se esse clone estava envolvido. Encaminhe-o para o Centro Neural – ordenou Mourin por rádio. – Escaneem as memórias dele!

O escravo e o clone corriam por entre estreitas trilhas. Avançaram pelos caminhos onde poucos mahanianos se atreveriam a se aventurar. Aos tropeços andavam por aqueles terrenos ardilosos já alagadiços, desgarravam-se de matas mais fechadas e lutavam para ficar em pé com aquelas mochilas nas costas. Andavam o mais rápido que podiam. A tensão aflorava nos corpos dos fugitivos. Enquanto a Guarda de Mahae avançava atrás dos dois, eles continuavam a encarar aquele mundo verde.

Liderados por Mourin de Mediana, o homem que já liderou diversas expedições na complicada região de Ágata, os guardas avançavam. A equipe de rastreadores foi deixada por duas naves na entrada da floresta onde Lucas e Eleon se meteram.

Lucas e Eleon adentravam, agora, uma região curiosa: no alto há copas de árvores bem altas e fechadas, dificultando a visualização pelo céu e, ao mesmo tempo, defrontavam-se com um lodo pesado, que fazia os seus pés afundarem no barro. Escutavam perto dali alguns gritos e sons dos equipamentos da Guarda de Mahae, que avançava rapidamente no miolo da floresta. Lucas e Eleon tinham que ser mais rápidos.

Era difícil para Lucas encontrar o caminho certo com tanta chuva caindo. Chegava a formar uma cortina vinda do céu, criando um belo cenário. Eles seguiam calados, mudos, até que Lucas, esforçando-se para Eleon escutá-lo, gritou:

– Eu encontrei Raful em uma sede da Base. Ele foi exilado da Sociedade. Ficou louco, pirado. Mas, sabe que, em meio aos devaneios dele, disse que eu não era o predestinado. Falou que eu só apoiaria aquele que libertaria nossos povos.

Eleon ficou surpreso, mas não conseguiu responder, pois nesse momento se desequilibrou e, antes de cair, agarrou-se numa planta cheia de espinhos que cercava a trilha.

– Ahhhhhh!!! Droga!

– Vamos!, precisamos seguir – diz Lucas.

Eles seguiam exaustos. Eleon corria e ao mesmo tempo tentava arrancar os espinhos da mão. Os dois percebiam que estavam sucumbindo e que a Guarda de Mahae se aproximava.

– Estamos indo pra morte?! – questionou Eleon.

– Talvez! Zuhr é perigoso, mas não é como as pessoas imaginam. Confie em mim – falou Lucas fazendo explodir pequenas gotículas de água ao redor de sua boca. *Talvez seja um pouco pior*, pensou ele.

Os dois se depararam com um rio. *E agora*, pensou Lucas, já cansado. Os aventureiros tinham que alcançar o outro lado, mas o volume de água já era alto. Seguram fortemente as mochilas e amparam-se na ribanceira tentando entrar lentamente na vazão. Forçaram as pernas para caminharem na água. Tentaram se equilibrar e se manter nas pedras maiores que formavam uma perigosa e irregular passagem natural. A cada passo, sentiam a pressão da água maior em razão de estarem indo de encontro com o miolo da correnteza. Como num denso pesadelo, suas pernas quase não tinham força para moverem-se.

A Guarda de Mahae se aproximava, mantendo um ritmo firme, seguindo os rastros dos foragidos.

– Vamos, seus molengas!!! – esbravejava Mourin. Ele queria que seus homens capturassem Lucas e Eleon custasse o que custasse.

Lucas de repente escorregou numa rocha e afundou a perna direita na água. A força da correnteza quase que o impediu de colocar novamente o pé encharcado sobre a rocha.

Naquele momento já podiam ouvir com mais intensidade alguns sons emitidos dos aparelhos da Guarda de Mahae e algumas vozes em tom mais contundente. Eles chegaram à margem oposta. Adentraram o paredão verde e alojaram-se ali para ver as avarias. Eleon estava com a mão machucada e inchada, e Lucas feriu um pouco sua perna, o que o fazia mancar. A pressão exercida pela floresta em suas mentes fugitivas, porém, era o mais preocupante. Parecia que iam surtar a qualquer momento. Eles andaram poucos metros e perceberam que a Guarda chegara ao riacho.

– Temos que nos apressar.

Eles se puseram a correr e a chuva corria mais que todos.

No riacho, Mourin colocou-se na frente da equipe.

– Sinto o cheiro deles! – berrou o chefe.

– Senhor! – chamou um guarda – o rastreador indica que estamos perto.

– Ótimo! – Mourin pôs-se a gritar, ordenando para que todos passassem a ir o mais rápido possível.

Perto dali, Lucas indicava a Eleon que havia uma gruta à direita deles, mas que, se fossem para lá, facilmente seriam rastreados. Eleon observou que logo à frente deles havia uma bifurcação. Ele olhou para cima, estacionando por um segundo ali. A chuva havia dado uma trégua.

– Venha, Lucas, parece loucura, – afirmou Eleon subindo numa árvore – mas dará certo.

O clone não aprovou, mas seguiu o rapaz. Mas, antes de subir nas árvores, Lucas andou pelos dois caminhos da bifurcação e depois se pôs, igual a Eleon e a alguns animais nativos da região de Antares, a subir por aquelas árvores. As mãos escorregavam naqueles troncos e galhos encharcados. No alto, Eleon passava a outra árvore, indicando a Lucas como fazer. Dançarinos, de um galho a outro, às vezes com pequenos pulos, agarravam-se onde podiam e espalhavam nuvens de respingos por toda parte. Lentamente, seguiam em direção à gruta, enquanto a Guarda se aproximava.

– Não falta muito – repetiu Lucas numa fala já meio desvairada.

– Vamos, vamos. – Eleon avistou perto deles um morro escondido atrás do manto verde e perguntou:

– É ali?!

– Sim, sim. Falta pouco. Nem acredito nisso! – exclamou Lucas quase não acreditando que deu certo a ideia de Eleon.

Nisso, a minitropa de Mourin chegou à bifurcação e deparou-se com duas pistas diferentes.

– Os bandidinhos se separaram. Eles sabem que estamos atrás deles! Vamos nos dividir! – gritava Mourin. – Estamos bem perto desses dois desgraçados...

Porém, as equipes observavam que de repente os rastros sumiram, mas, mesmo assim, continuaram a caçada, pois não tinham coragem de relatar que perderam os fugitivos. Por isso, eles seguiram cerca de um quilômetro em frente. Logo, Mourin percebeu que algo estava errado. Não

havia mais guardas investigando os buracos de pegadas nem mesmo previsão de tempo de resgate. Mourin ficou enfurecido quando descobriu a verdade, e a tropa voltou sob seus gritos alucinados.

Na gruta, Lucas e Eleon descansavam alguns minutos. Sabiam da dificuldade de escapar daquela situação. Lucas já imaginava os dois cruzando a fronteira e adentrando em Zuhr. Podiam observar naves sobrevoando a área. Enquanto isso, a Guarda de Mahae retornou à bifurcação. Mourin acreditou que, se algo saiu da linha reta, devia voltar ao ponto de origem. Esse é o seu lema. Ele já trazia olhos vermelhos, e o sangue fervendo. Mourin fitou as árvores e os galhos acima deles.

– É possível? – questionou Mourin ao rastreador.

Quase em Zuhr, Eleon e Lucas precisavam apenas avançar o último trecho de mato rasteiro, que terminava num paredão de árvores; era o que separava a Sociedade da não sociedade. Eles se enfiaram naquele campo. À frente, o começo, ou o fim. A imagem de Zuhr era tensa, mesclada com terror. Eleon já sentia em seu corpo os primeiros sinais de Zuhr. Seu peito se comprimia, a sua cabeça latejava e os olhos ardiam. Ao chegarem ao meio do trecho, Lucas avistou dois guardas no início do campo. Eles avisaram Mourin que os dois estavam na mira.

– Não atirem! Esperem. Mais alguns segundos eu chego aí! – berrou Mourin em seu estágio mais avançado de loucura.

– Estamos conseguindo. – gritou Lucas.

– Aguardem! Estamos muito próximos! – avisou Mourin. – Onde estão as naves? – Quando cortam o céu dali duas naves pretas.

Um tiro. Lucas e Eleon viram um dardo encravar num tronco de uma árvore na floresta de Zurh.

– Corraaaaaaaaa!!!! – berrou Eleon.

– Quem atirou? Quem atirou? – enlouqueceu-se Mourin muito perto dali.

Lucas olhou para trás, observou o enfileiramento da Guarda de Mahae e, se pudesse, toparia com as armas das naves carregando os pentes com dardos. Parecia um ato de bravura quando Mourin encheu os pulmões e berrou com força:

– Atirem!

A primeira leva de dardos foi dada. Não podiam contar quantos dardos espetavam seus corpos, mas isso não os impedia de correr. A Guarda no solo, posicionada defronte à massa de árvores da Sociedade, preparava nova leva de dardos. O tempo parecia mais devagar naqueles segundos... Os dois, de frente para a fronteira, cada um a sua vez, viram os guardas apontarem as armas e escutaram as naves descarregando a munição e sem pestanejar se atiraram em Zuhr, rompendo a cortina densa da névoa sombria. Eles caíram no meio do nevoeiro e desapareceram em terras d'além Sociedade. Seus corpos permaneceram por um tempo inertes naquele solo. Estavam finalmente em Zuhr.

Do outro lado, a Guarda de Mahae, e principalmente Mourin, tentava avistar os foragidos.

– Onde estão esses vermes? – questionou a voz rouca de Mourin.

Ele se aproximou da fronteira. O nevoeiro fechou o campo de visão. Zuhr era uma região temida por todos. Mourin não percebia, mas estava bem mais à frente da Guarda, que mantinha distância. Mourin ergueu seu queixo e ordenou:

– Entrem lá e peguem esses crápulas!!!

Os guardas se olharam, procuram até mexer as suas pernas, contudo refutaram a ideia. Mourin, o homem que já comandou inúmeras expedições em Ágata, viu-se inútil.

– Seus covardes!!! – tentou berrar. Ele tentou se ajeitar e declarou:

– Quero que todos espalhem pela Sociedade como é o fim de quem se rebela contra ela. Discurem sobre o quanto vocês são abençoados pelo Senhor Protetor, pois têm uma terra tão bem governada como esta. De hoje em diante, esses dois elementos não são bem-vindos na Sociedade e podem ser severamente punidos caso queiram retornar e perturbar a paz. Eu mesmo irei a Zuhr para capturar esses vermes se isso acontecer. Agora, quero que reconheçam esta como uma missão de sucesso, na qual nos livramos de dois males incríveis. Retornem aos seus lares, descansem. Somos vitoriosos.

Não ouviram o discurso Eleon e Lucas. Por sorte, ali não era uma passagem muito corriqueira de nativos. O clima úmido dali e a névoa negra e densa agora estavam impregnados em seus corpos. Contava a lenda que estar nesse local era mudar irremediavelmente, e para sempre, o indivíduo.

Base – capítulo décimo quarto

Na Casa de Andrada, Ivete chegou a seu apartamento sem ainda ter entendido o que acontecera. Nem sentiu seu corpo encharcado com o banho de chuva que ganhou, mas sim seu coração que palpitava alucinado com mais uma dose de adrenalina vinda das façanhas do não falecido neto, Eleon.

Ela estava em uma sintonia diferente dos indivíduos da Sociedade, chegando a se assustar com a corriqueira campainha de seu apartamento. Ultimamente, as visitas não lhe trouxeram boas novas. Porém, dessa vez, parecia ser algo tocante: um desconsolado batia a sua porta. Era o Sr. José, pálido, prostrado. Ela o acomodou em sua sala. De pronto, o Sr. José revelou que consultou um médico e que não estava bem – sua cabeça está confusa. Ivete observou o homem e respeitosamente solicitou:

– Sr. José, espero que não esteja querendo mal Eleon.

– Eu não vim cobrar nada. Vim atrás de respostas...

Ivete se viu surpresa e continuava a ouvi-lo:

– Sabe, Ivete, há dias, antes mesmo de saber de Delphos, ando me perguntando por que temos que trabalhar tanto, enquanto alguns puros se aproveitam de nosso suor, de nosso esforço. Por isso, fui ao médico – relatou. – E agora, depois de saber de meu menino, me questiono ainda mais. Se meu filho não tivesse tantas atribuições, se não fosse exigido tanto dele, talvez ainda estivesse conosco, Ivete – desabafou.

Ivete não sabia o que dizer:

– O doutor me passou um remédio, mas disse que terei que operar. Acham que é o *chip*. Eles vão substituir por outro. Vamos ver...

A senhorinha intrigou-se ainda mais.

– Eleon tinha pensamentos assim, não tinha?

– Ele tinha sim.

– E o que ele fez?

– Não sei, Sr. José. Não há como eu saber o que se passa na cabeça do meu Eleon.

– Como ele aguentou tanto tempo com essa perturbação na cabeça? – O homem respirou fundo. – E a senhora? Às vezes me pergunto: como a senhora conseguiu aguentar a morte de seu neto? Como? Eu prefiro às vezes não levantar da cama – revelou.

Os dois conversaram mais sobre aquilo, tomaram um jumbo quente, até que o Sr. José concluiu:

– Dizem que o meu *chip* foi danificado com o sentimento de angústia que tive depois que soube o que acontecera com Delphos. Mas antes eu já sentia isso antes. – O homem abaixou a cabeça e confessou: – Sabe, Ivete, eu entendo um pouco Eleon.

– Há como não fazer a cirurgia, Sr. José?

– Bom, eu teria que dizer que estou melhor. Mas, isso não é certo, é? – Ivete preferiu não se posicionar.

O homem saiu por aquela porta com mais perguntas do que quando entrou por ela. Vovó sentiu por ele, porém a felicidade voltou ao seu corpo. Sabia que, em algum lugar, estava seu Eleon.

Ivete relembrou alguns momentos em que revelou o que sabia a Eleon. Naqueles dias que ficaram para trás, em que sua mente por vezes tentava alertá-la quem realmente ela era. Como naquela noite, ela se sentou na cama, mas agora solitária, e continuou a rememorar.

* * *

Em Zuhr, tempos depois, Eleon arregalou os olhos. Parecia que uma descarga de energia foi dada nele. Acordou e viu Lucas sentado numa pedra. As imagens da fuga em segundos iam recompondo sua memória, deixando um tanto entorpecido, mas eufórico, recompondo rapidamente os fatos.

– Lucas! – exclamou Eleon ao vê-lo acordado.

– Conseguimos, Eleon.

– A quanto tempo estamos aqui! – indagou Eleon ao acordar.

– Não sei. Acabei há pouco tempo.

– Minha cabeça está estourando!

Eleon observou os arredores; era perturbador.

– Precisamos entrar em contato com a Base. – Lucas abriu a mochila e pegou a pasta onde estava o transmissor.

– Antes, você tem que me falar o que sabe sobre minha avó – intimou Eleon segurando o braço de Lucas.

– Sei que você está confuso.

– O que você sabe sobre a minha avó? – repetiu.

Eleon precisava de respostas.

– Eu sei muito pouco. Vamos fazer o seguinte: vamos deixar que a Base te dê a resposta.

Eleon sentia-se irritado e viu Lucas montar o equipamento de comunicação, bem como deixá-lo sobre uma pedra com muito limo, apoiando o calcanhar numa enorme raiz de árvore toda trançada. Eleon não se atreveu a oferecer ajuda.

A floresta densa sufocava-os. O pequeno visor que se equilibrava na pedra dava uma leve dançada ao ritmo dos estalos emitidos pela mata até que se estabilizou. Logo, a transmissão foi realizada. A imagem holográfica compôs-se devagar unindo os pontos de luz, revelando uma mesa com quatro lugares ocupados com os gestores da Base. Um rosto dos rostos na imagem era o de Liane de Mediana; ela levantou uma das mãos que descansavam sobre a mesa. Ariel também acenou sutilmente. O pequeno aparelho indicava que o áudio estava conectado.

– Eleon e Lucas. Ficamos felizes por você terem conseguido! – anunciou o líder.

– Eh... Não era muito opcional. – respondeu Lucas.

– Foi um feito incrível – ressaltou.

Eleon e Lucas movimentavam a cabeça mostrando aprovação.

– Vocês podem enviar alguém? – indagou Lucas.

– Sim. Mas vocês têm que seguir. Não podem ficar aí parados. Preciso que sigam em direção ao Estreito de Zaálix, à leste. Você lembra o caminho, né?

– Mais ou menos.

– Terá gente da Base esperando vocês lá – relatou o líder. – É o que podemos fazer. Sumam de onde estão. O cheiro de vocês deve estar impregnado na mata.

Quando Lucas foi se manifestar, Eleon tomou a frente:

– Preciso saber o que tem a minha avó? Ela fez algo de errado?

Os gestores se entreolharam.

– Conte a ele, Ariel. Confie em mim. Ele precisa saber. – Lucas deu dois passos atrás num ato simbólico de privacidade.

– Ela não fez nada de errado, Eleon. Sua avó na verdade é uma heroína. Foi considerada no planeta de origem dela a maior exploradora espacial de todos os tempos. Ela fez descobertas inimagináveis.

Eleon arregalou os olhos.

– O solo onde está pisando, o ar que respira, as frutas que come, isso tudo só foi possível graças a uma pessoa, Eleon, e o nome dela é *Nasirá*.

O rapaz paralisou-se por um instante.

– Não pode ser.

– É, Eleon, é verdade. *Nasirá*. Sua avó é *Nasirá*.

Era difícil para ele entender.

– Era sonhadora: queria um lugar justo e equilibrado. Porém, foi traída pela ambição dos que hoje governam a Sociedade – relatou Ariel.

– Mas como ela se tornou Ivete? Isso é muito confuso para mim.

– Você já ouviu falar nas máquinas de Mourin? Ela foi parar numa dessas máquinas. Depois, foi inserida no Jardim da Esperança como aconteceu com cada escravo que você conheceu.

Eleon estava perplexo. Lucas bem que gostaria de ajudar o amigo, mas não havia o que fazer.

– Somos de Têmpora, então?

– Ah, alguma coisa você sabe! Você nasceu aqui, contudo toda a sua família, não.

– Lá não existiam escravos?

– Não! Para que o plano de ocupação equilibrada desse certo, dois povos teriam que se encarregar de trabalhar e estudar: escravos e clones. Para isso, foi feito o que vocês não imaginam para isso acontecer.

Eleon olhava perdido para a relva. Foi jogado ao passado por segundos:

Será que sou tão diferente?

Por que não sinto o que outros sentem?

É o meu nome! É o nome de vovó!

O que querem de nós!

O que ele quer dizer com frutos podres da Sociedade? Sabe a noite da tempestade?

Vovó me contou algo incrível.

Mostre-me o caminho, Senhor, mostre-me o caminho.

– Nosso objetivo Eleon, é trazer Nasirá para a Base. Só ela sabe o caminho da passagem para Têmpora. Precisamos dela.

Lucas de repente tomou a fala:

– Os ataques à Sociedade, lembra-se? Lembra-se do grito em plena Exposição de Excentricidades e da nuvem de insetos? Era a Base tentando resgatar Nasirá.

– E o que houve?

– Basicamente – disse Ariel – erro nos cálculos. – Sabemos do impacto dessas informações para você, Eleon – continuou o líder – mas vocês têm que seguir em frente se quiserem chegar com vida à Base. Precisamos fechar nossa transmissão. Vocês precisam de bateria caso queiram fazer novo contato.

– Aguardamos vocês – disse o líder – vivos.

Eleon estava confuso com a cabeça fervendo. As peças se encaixavam forçosamente em sua cabeça.

Lucas e Eleon recolheram os equipamentos e puseram-se a andar rapidamente pelos estreitos corredores que se faziam na floresta de Zuhr. Por vezes, parecia que, no piso onde batiam suas botas

enlameadas em brechas iluminadas pelo luar, reluziam da íris de algum ser cores que triscavam na vegetação.

Minutos de passos pesados por aquelas terras deixavam ambos facilmente quietos. Preenchia a mente de Eleon um mar de informações, mas sentia-se bem. Seguiam movidos pelo medo. Observavam por entre as árvores um paredão rochoso.

– Não há mais o nevoeiro por aqui! – exclamou Eleon, olhando para trás a todo momento.

– Sim, eu sei. Fale mais baixo – solicitou Lucas.

– Tem certeza que é por aqui? – indagou Eleon.

– Xiiiiiiiiiii!!!! Há alguém!

Lucas pediu silêncio e indicou o caminho. Havia um caminho recortado por entre o paredão rochoso pelo qual os dois têm de passar. Eleon estranhou reluzir novamente por entre as rochas dali um novo colorido.

– Não olhe – indicou Lucas.

Os dois seguiram firme.

– Não o encare!

– Quem? – sussurrou Eleon, até sem querer visualizar alguém.

– Vim atrás de você.

Era *Sarah*. Ela estava com os cabelos molhados, encarolados como nunca, de pijama, equilibrando-se sobre duas pequenas rochas.

– Eleon, o que está fazendo?! – desesperou-se Lucas.

O rapaz continuou a andar em direção a Sarah, que dava longas piscadas ao olhar para o neto de Ivete.

– Então o seu nome é Eleon? – perguntou-lhe num contato mental.

– Claro! Hei, Sarah, o que está acontecendo? – respondeu Eleon também mentalmente.

– Eleooooonnnnn! – berrou Lucas.

– Você não iria entender. Vocês não sabem nada sobre os nelfs.

– Ah é?

De repente o que Eleon viu a sua frente novamente a imagem do sonho. Um desfiladeiro cinza, realmente era cinza, do qual a sua mãe concentrava-se para jogar-se. Ele tentava ir até ela, mas suas pernas estavam inarredáveis. As órbitas de seus olhos saltavam. Um grito queria sair, mas não havia forças para isso. Tudo começou a rodar. Aquele cinza se mesclava com outras cores aleatórias, e nos seus pés escorriam riojeiras que caíram de cestos de escravos. Uma gota de suor escorreu pela lateral de seu rosto. Vários rostos cercavam-no: Ivete, Delphos, professor Wurls, os vizinhos dos apartamentos 28 e 29, escravos sujos de trabalho. Foi quando Mourin foi avistado que suas pernas finalmente obedeceram a seu comando e correu até a sua mãe, mas esta se arremessou para a morte.

Eleon não se conteve e se jogou também, vendo correr rapidamente as vegetações presas às rochas cinzas do desfiladeiro.

– Você é forte. É incrivelmente forte. – voltou a voz a sua mente.

– É, mas quem é... – de repente, Eleon tombou no chão, enquanto Lucas tentava escapar. Não havia o que pudesse fazer. Na sua frente se revelou um pequeno nelf, com seus olhos enormes, de longas piscadas, e com seus cabelos ruivos armados. Eleon estava numa espécie de transe hipnótica.

O nelf se aproximou para agarrar Eleon. Seus olhos liam o ambiente lançando cores ao terreno em volta de Eleon.

– Oooohhhrrrr! – Estremeceu o local um gigante, que, com o tronco encurvado, inclinou-se em direção a Eleon, com o braço esquerdo segurando-se nas rochas e o direito sendo esticado dentro daquele recorte nas pedras. O gigante roubou o jovem das mãos do nelf, esbarrando um tanto no paredão, nas árvores e no que ali havia. Os gritos curtos e agudos do nelf tentavam ludibriar o gigante, mas ele não o encarava. Teve ainda dificuldade de escapar dali, protegendo-se como pôde das pedras arremessadas contra ele.

As árvores no caminho foram arrancadas com as passadas, fazendo ressoar um estrondo para dentro das terras da Sociedade. O gigante caminhou para longe e ainda teve tempo de agarrar Lucas. Procurou não esmagar os dois por entre os seus dedos. Ele parou na ribanceira de um enorme rio, um local aberto onde se sentia mais seguro. O velho Balbo se sentava no chão.

O gigante de duas cabeças tinha olhos redondos, o nariz em forma piramidal dependurados nos meios dos rostos, com narinas abertas para fora, além lábios grossos.

– Vóocê novaimente, Luca. Sssorte ser a de vóocêsss não ser maltessses que pegar vóocêsss...
– Óonde esstar indoh? – perguntou o gigante ao colocá-los no chão, com uma voz tão rouca que parecia estar surgindo de uma boca de bueiro.

Lucas não se surpreendia com o gigante, pois já havia conhecido Balbo quando estivesse exilado em Zuhr.

– Balbo, precisamos ir até o Estreito de Zaálix. Pode nos levar até lá? – indagou Lucas.

– Hurr – grunhiu. – Sssão povo de Nasssirá?

Eleon não se surpreendia com mais nada.

– Você conhece Nasirá? É minha avó.

– Óoh, sim. AH, AH. Sim, sim. AH AH. Ter que ir – disse Balbo ao levantar-se e sair dali.

– Hei – gritou ao ver o gigante sair – TUM, TUM, TUM, TUM...

– Balbo, por favor, nos ajude – gritou Lucas.

Será que seremos esmagados em Zuhr?, pensava Eleon. – Não é como planejei. Serei o culpado pela morte de Lucas? Ah, Senhor Protetor!, me envie uma luz, um sinal, por favor!, por favor!

– Acho que o gigante está voltando!!!

Aquele barulho grave aumentava e parecia ressoar no peito dos dois. De repente cessou. Nisso, as pernas de Eleon foram arrastadas num segundo pela mão do gigante, tombando-lhe, de modo a ser levado a ver o mundo de ponta-cabeça e alçado um tanto ao alto. Eleon assustou-se ainda mais com aquele monstro de Zuhr, a não ser pelo jeito como segurava Eleon, com as pontas dos dedos, com medo de que o rapaz se esfarelasse. Puxou Eleon para perto de seus quatro olhos, sendo que um par deles trazia um tom rabugento, e depois se levantou, fazendo tremer o chão dali.

– Heiiiiiiii!!!! – berrou o rapaz, enquanto Balbo o balança de um lado para outro como se fosse um brinquedo.

– Vóocê ser mesmoh parente de Nasirá?

– Sim!! Eu sou... – gritou Eleon cansado.

– Ele é neto dela! – berrou Lucas.

– Netoh. Netoh. – repetia o gigante. – Nóos vai ajudar chegar vóocêsss lá. Mas, avisar pessssoasss ru...inss no caminho.

– Por que nos ajudará? – indagou Eleon.

– Por que eu deixar essscapar Nasssirá daqui anoss atrás quando sua primeira vez aki. Agora, não deixar essscapar netoh dela.

Eleon encarou o gigante.

Nas duas mãos do gigante, acomodavam-se Lucas e Eleon. O ser de duas cabeça seguia o mais rápido que podia pelas soturnas trilhas que fatalmente os levariam até o Estreito de Zaálix. Eleon tinha finalmente aquilo que buscou em sua vida. Extasiado com a enxurrada de informações que despencou em sua cabeça, Eleon sentia-se feliz.

– Está bom para você? – indagou Lucas.

Eleon encarou incisivamente Lucas, deixando escapar um sorriso:

– Não!

O quebra-cabeça estava montado. Dali surgiu uma nova pessoa. Uma nova esperança. Uma nova história. Um recomeço ou simplesmente um começo. Reviviam ali os sentimentos de Nasirá, a sua bondade e vontade de viver de modo justo. Dizem que sua história sobre a busca da verdade não acabara ali. Corre na boca do povo que Eleon chegou a Cidade dos Perdidos e que era mesmo o predestinado. Outros mencionam a sua morte, imortalizando-o. De qualquer forma, ele fez história como o escravo que foi para Zuhr. Da sua forma, ele fez a sua própria história.

Epílogo

Uma luz queimava os meus olhos. Havia pelo menos uma dúzia de pessoas me encarando. Estava certamente num leito em um ambiente desconhecido. Não reconheci ninguém de pronto. Primeiro, porque uma dor aguda atingiu minha cabeça na parte posterior. Segundo, porque fechei abrupta e fortemente os olhos. A luz queria me cegar. Tentei imaginar o que poderia ter acontecido. Minha mente estava confusa.

Um zumbido me trouxe uma memória muito remota: chegávamos com as naves a Mahae; realmente, parecia muito antiga aquela recordação. Até que um nome entrou pelos meus ouvidos. Um nome. Um simples nome. Um nome pelo qual por muito, muito tempo, não atendia:

– Nasirá? – repetiu Ariel.

Todos me encaram muito tensos naquele leito. Solucei quando Eleon pegou em minha mão. Esperava que não fosse um sonho.

– Vamos deixar ela descansar. – orientou um senhor que parecia ser o chefe da equipe do centro cirúrgico. – É normal ela não falar nada por enquanto. Foi uma operação complexa. Vocês terão todo o tempo do mundo para falar com ela quando ela se recuperar.

Às minhas meninas, Fabielle e Carolina, aos meus criadores, pai e mãe, e a Deus.

Sobre o autor

No quinto dia de março do primeiro ano da década de oitenta eu nasci. Por muito tempo, vivi no mesmo bairro de Curitiba, no estado do Paraná. Incentivado por ver minha mãe, Telma Olsemann, exímia leitora, fui inserido no mundo da literatura, mas confesso que apreciei por longo tempo mais os HQs que os romances.

Gosto de criar coisas, inventar palavras e histórias, principalmente de ficção científica. Nos momentos de lazer, curto a minha família, a natureza de um belo lugar, uma boa leitura, um filme de suspense ou comédia, um bom café e um prato que dê água na boca.

Sobre a obra

Quando Eleon de Andrada, no final de sua infância – 9 anos – pensava ser injusto o trabalho escravo, não imaginava o que o destino lhe reservava. A dúvida que lhe rondava a cabeça era a de que algo de errado havia no sistema de trabalho escravo no qual era imerso. Somente sete anos depois, ele pôde, enfim, topar com encadeamento de fatos que irremediavelmente o levariam à verdade.

É iniciado nessa empreitada por vovó Ivete, ao narrar a ele pequenos contos noturnos. Eleon passou a querer descobrir o que havia de errado no modelo de vida imposto ao seu povo, nem que para isso tivesse que sacrificar a sua própria vida.

Ele via a infância chegar aos seus momentos derradeiros, pois depois dos nove anos todo escravo deve trabalhar nos campos gerais. Sistema de vigilância, perguntas infundáveis em sua cabeça e um espírito aventureiro são elementos que vão compondo sua própria e incomum história. Se sua mente era preenchida de conflitos, seu coração só tinha lugar para sua família e para Sarah, sua melhor amiga.

Mergulhe num mundo fantástico, em que escravos, clones, puros, gigantes, seres disformes, insetos comedores de madeira e povos dos mais variados participam de uma história que marcou a Sociedade de Mahae.

Nesta aventura, a sua imaginação deverá o seu guia, auxiliando Eleon a encontrar as respostas em seu mundo de conflito:

“Eleon logo se afastou num canto, meio isolado, arrumando as suas coisas. Passava em seus pensamentos a lembrança de que logo começaria a adaptação para o trabalho escravo. Todos estão tão alegres, tão empolgados? Será que sou tão diferente? Por que não sinto o que outros sentem?”